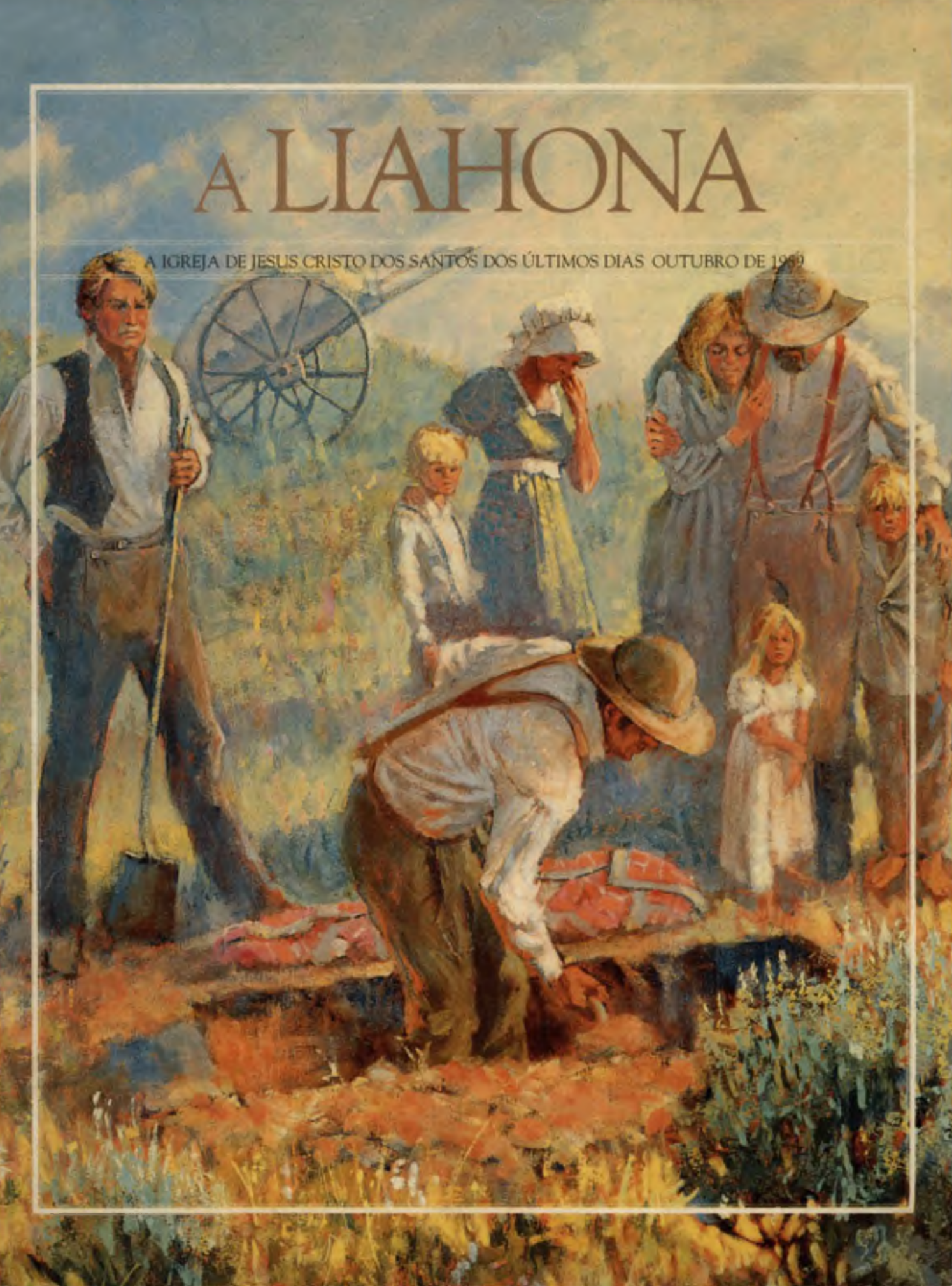
A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS OUTUBRO DE 1989



A LIAHONA

OUTUBRO de 1989, Volume 42 n.º 10
PBMA8910PO—São Paulo—Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas *ENSIGN, NEW ERA* e *FRIEND*.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, George P. Lee, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Diretor de Arte: M. Masato Kawasaki,

Desenho: Sharri Cook

Produção: Sydney N. McDonald, Reginald J. Christensen, Timothy Sheppard, Jane Ann Kemp, Steven Dayton

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Leônidas Francisco da Silva

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **NCz$ 9,00;** para Portugal—Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho, 93—1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **NCz$ 0,75.**
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA—© 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: Ultraprint Impressora Ltda.—R. Bresser, 1224—São Paulo—SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430
Telefone (011) 814-2277.

Published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to
A Liahona
50 East North Temple Street
Salt Lake City, Utah 84150
U.S.A.

Capa: "Chegando a Morte Tudo Irá Bem. Vamos Paz Todos Ter." Harold I. Hopkinson. A morte dos entes queridos, não era uma ocorrência incomum para as famílias santos dos últimos dias, ao longo de sua jornada em direção ao Vale do Lago Salgado. Uma das mais trágicas experiências dos pioneiros é compartilhada no artigo "Atrás dos Búfalos", na página 19 desta edição.

ÍNDICE

2 **MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:**
NASCIDO DE DEUS Presidente Ezra Taft Benson
7 **MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:**
"CONVERTER O NOSSO CORAÇÃO"
8 VERDADES PERDIDAS RESTAURADAS: Parte III Gilbert W. Scharffs
12 OITO ANOS COM O LIVRO DE MÓRMON Dennis C. Brimhall
14 JOAQUIM DEIXOU DE APARECER NA IGREJA Keith Neilson
16 PAIS SEPARADOS – MAS NÃO ABANDONADOS Frances Warden
19 ATRÁS DOS BÚFALOS Diane Lofgren Mangum
EXPERIÊNCIA MÓRMON: UMA FAMÍLIA PARA PETER Lin Watson
25 A FAMÍLIA KNIGHT: Parte I William G. Hartley
33 UMA DÁDIVA DE RECORDAÇÕES LaRene Gaunt
34 A RESPEITO DA MORTE E DO MORRER William M. Timmins

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

38 MAIS QUE UM CAMPEÃO Jason John Bushnell
42 ÉS TU MAIOR QUE ELE? Jennifer Clark
44 DIVERTIR-SE AJUDANDO OS OUTROS Richard M. Romney
48 UMA FAMÍLIA DINÂMICA Laird Roberts

SEÇÃO INFANTIL

2 O CANTO DOS JUSTOS Elaine Fronk Whiteley
5 VAMOS CANTAR
6 **TEMPO DE COMPARTILHAR:** VIVER A REGRA DE OURO Pat Graham
8 **SÓ PARA DIVERTIR:** Mórmon Becky Morgan e Sally Hanna
O QUE SOU? Julie Wardell
PESSOA, LUGAR, OU COISA? Susan Meeks

725
554

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

NASCIDO DE DEUS

Presidente Ezra Taft Benson

"O mundo procura moldar os homens modificando seu meio ambiente. O evangelho modifica os homens que então transformam seu ambiente."

"Que pensais vós do Cristo?" (Mateus 22:42.) Esta pergunta do Senhor vem desafiando o mundo há séculos.

Felizmente Deus nos proveu uma escritura moderna, outro testamento – o Livro de Mórmon, para convencer o mundo de que Jesus é o Cristo. Toda pessoa que ler o Livro de Mórmon e o submeter à prova divina proposta por Morôni (vide Morôni 10:3–5), se convencerá de que Jesus é o Cristo. Obtida tal convicção, resta a questão: "Optaremos por segui-lo?" Os demônios crêem que Jesus é o Cristo, mas optaram por seguir Lúcifer. (Vide Tiago 2:19; Marcos 5:7.)

Em todas as épocas, os profetas têm exortado o povo a se decidir. "Escolhei hoje a quem sirvais", implora Josué. (Josué 24:15.)

Elias bradava: "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o." (I Reis 18:21.)

Quando escolheis seguir a Cristo, escolheis o Caminho, a Verdade, a Vida, o caminho reto, a verdade salvadora, a vida abundante. (Vide João 14:6.)

"Eu vos exorto a que busqueis esse Jesus", diz Morôni. (Éter 12:41.)

Decidir Modificar-se

Quando decidis seguir a Cristo, escolheis modificar-vos.

"Nenhum homem", dizia o Presidente David O. McKay, "pode resolver sinceramente aplicar na vida cotidiana os ensinamentos de Jesus Cristo, sem sentir a própria natureza modificar-se. A expressão 'nascer de novo' encerra um sentido muito mais profundo do que muitas pessoas lhe dão. Essa *mudança no sentir* pode ser indescritível, *mas é real*." (Conference Report, abril de 1962, p. 7.)

O coração humano pode ser modificado? Certamente que sim! Acontece todos os dias na grande obra missionária da Igreja. É um dos mais difundidos milagres modernos de Cristo. Se ainda não aconteceu convosco, poderia acontecer.

Nosso Senhor disse a Nicodemos que "aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus". (João 3:3.) Palavras do Presidente Kimball:

"Esta é a resposta simples, plena, para a mais importante das questões . . .

Para se obter a vida eterna, é preciso haver um renascimento, uma transformação." (Conference Report, abril de 1958, p. 14.)

Disse o Presidente McKay que Cristo pediu a Nicodemos "uma total revolução" de seu "homem interior". Sua maneira de pensar, sentir e agir com relação às coisas espirituais teria de sofrer uma modificação fundamental e permanente. (Conference Report, abril de 1960, p. 26.)

Além da ordenança física do batismo e da imposição das mãos, a pessoa precisa renascer espiritual-

Robert T. Barrett

Craig Dimond

Toda semana participamos do sacramento, voltando a tesfificar ao Pai Eterno estarmos dispostos a tomar sobre nós o nome de seu Filho, lembrar sempre dele e guardar seus mandamentos.

mente para fazer jus à exaltação e vida eterna.

Alma afirma: "E o Senhor disse-me: Não te admires de que a humanidade, sim, homens e mulheres, todas as nações, famílias, línguas e povos, tenham que nascer outra vez; sim, nascer de Deus, ser mudados de seu estado carnal e decaído a um estado de justiça, e redimidos por Deus, tornando-se seus filhos e filhas.

E tornam-se assim novas criaturas; e, se assim não fizerem, não poderão de modo algum herdar o reino de Deus." (Mosiah 27:25–26.)

A melhor descrição do processo de "mudança do coração" e "nascer de novo", encontra-se no Livro de Mórmon, pedra fundamental de nossa religião.

Os que nasceram de Deus depois de ouvirem o sermão do Rei Benjamim, sentiram uma poderosa mudança no coração; eles não tinham mais "vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem continuamente". (Vide Mosiah 5:2, 7.)

As Perguntas Decisivas de Alma

O quarto capítulo de Alma descreve um período da história nefita em que "o progresso da Igreja começou a diminuir". (Alma 4:10.) Alma enfrentou esse desafio renunciando ao posto de juiz supremo do governo, passando a dedicar-se "exclusivamente ao serviço sacerdotal da santa ordem de Deus". (Alma 4:20.)

Ele usou "a força de um testemunho puro" contra o povo (vide Alma 4:19), e no capítulo seguinte propõe mais de quarenta perguntas decisivas.

Falando francamente aos membros da Igreja, ele declara: "E agora vos pergunto, meus irmãos da Igreja: Haveis nascido espiritualmente de Deus? Haveis recebido sua imagem em vossos semblantes? Haveis experimentado essa poderosa mudança em vossos corações?" (Alma 5:14.)

E prossegue, dizendo: "Se haveis experimentado uma mudança em vossos corações, se haveis sentido o desejo de cantar o cântico do amor que redime, eis que, quisera perguntar-vos: Podeis agora sentir isso?" (Alma 5:26.)

O progresso da Igreja não aumentaria dramaticamente hoje, com um número crescente dos que renasceram espiritualmente? Conseguis imaginar o que aconteceria em nosso lar? Podeis imaginar o que aconteceria com um número crescente de exemplares do Livro de Mórmon nas mãos de um número crescente de missionários que sabem como usá-lo e que já nasceram de Deus? Foi o Alma "nascido de Deus" quem, como missionário, conseguiu transmitir a palavra que fez muitos outros também nascerem de Deus. (Vide Alma 36:23–26.)

O Senhor opera de dentro para fora. O mundo opera de fora para dentro. O mundo quer tirar as pessoas da miséria das favelas. Cristo tira a miséria das pessoas e então elas próprias se livram das favelas. O mundo procura moldar os homens modificando seu meio ambiente. Cristo modifica os homens, que então transformam seu ambiente. O mundo procura modelar o comportamento humano; Cristo, porém, consegue mudar a natureza humana.

"A natureza humana *pode* ser mudada, aqui e agora", disse o Presidente McKay, citando a seguir:

"Vós podeis modificar a natureza humana. Nenhum homem que sentiu em si o Espírito de Cristo que fosse por meio minuto apenas, pode negar esta verdade . . .

Vós *podeis* modificar a natureza humana, e a vossa própria, entregando-vos a Cristo. A natureza humana pode ser mudada aqui e agora. Ela tem sido mudada no passado. A natureza humana deve ser muito modificada no futuro, para que o mundo não se afogue no próprio sangue. E somente Cristo pode mudá-la.

Doze homens operaram uma grande mudança no mundo (há mil e novecentos anos). Doze simples homens." (Citando Beverly Nichols em *Stepping Stones to an Abundant Life*, comp. Llewelyn R. McKay, Salt Lake City: Deseret Book, 1971, p. 23, 127.)

Sim, Cristo muda o homem, e homens transformados podem mudar o mundo.

Capitaneados por Cristo

Os homens mudados por Cristo serão capitaneados por ele e perguntarão como Paulo: "Senhor, que queres que faça?" (Atos 9:6.) Disse Pedro que eles "seguirão as suas pisadas" (I Pedro 2:21), e João, que andarão "como ele andou". (I João 2:6.)

Finalmente, os homens capitaneados por Cristo nele se consumirão.

A vontade deles submerge na vontade de Cristo. (Vide João 5:30.)

Sempre fazem o que agrada ao Senhor. (Vide João 8:29.)

Não só morreriam pelo Senhor, mas, muito mais importante, eles querem viver para ele.

Entrando no lar de um deles, os quadros nas paredes, os livros na estante, a música no ar, suas palavras e atos mostram que são cristãos.

Servem de testemunhas de Deus a todo momento, em todas as coisas, em todo lugar. (Vide Mosiah 18:9.)

Têm Cristo sempre em mente, lembrando-se dele em todo pensamento. (Vide D&C 6:36.)

Têm Cristo no coração, pois seu afeto lhe pertence para sempre. (Alma 37:36.)

Quase toda semana participam do sacramento, voltando a testificar ao Pai Eterno estarem dispostos a tomar sobre si o nome de seu Filho, lembrar-se sempre dele e guardar seus mandamentos. (Morôni 4:3.)

Nas palavras do Livro de Mórmon, eles "(se banqueteiam) com as palavras de Cristo" (2 Néfi 32:3); "(falam) de Cristo" (2 Néfi 25:26); "(regozijam-se) em Cristo" (2 Néfi 25:25); e "(se gloriam) em . . . Jesus". (2 Néfi 33:6.)

Em suma, eles se perdem no Senhor e encontram a vida eterna. (Vide Lucas 17:33.)

A Cidade Eterna

O Presidente David O. McKay conta um caso singular que lhe aconteceu. "Depois de adormecer", diz ele, "contemplei em visão algo infinitamente sublime. Vi uma bela cidade, um grande cortejo de pessoas vestidas de branco, e o Salvador.

A cidade, compreendi, era a dele. Era a Cidade Eterna, e o povo que o seguia ali habitaria em paz e felicidade eterna.

Mas, quem seriam?

Como se lesse meus pensamentos, ele respondeu-me apontando um semicírculo que então apareceu acima das pessoas e no qual estava escrito em letras de ouro:

Estes São os Que Venceram o Mundo. Os Que Realmente Nasceram de Novo!

Quando acordei, amanhecia o dia. (*Cherished Experiences From the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1976, pp. 59–60.)

Quando acordarmos e nascermos de Deus, romperá um novo dia e Sião será redimida.

Que possamos convencer-nos de que Jesus é o Cristo, optar por seguí-lo, ser modificados e capitaneados por ele, consumir nele e nascer de novo. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los na mensagem de mestre familiar.

1. O Presidente Benson diz que a mudança que ocorre no coração humano, quando o evangelho é vivenciado é 'um dos mais difundidos milagres modernos de Cristo'.

2. Para o verdadeiro seguidor de Cristo, 'nascer de novo' tem um significado mais profundo do que simplesmente aceitar o nome dele: temos que nos perder no Senhor, e lutar pela vida eterna.

3. Quando escolhemos seguir a Cristo, escolhemos o Caminho, a Verdade e a Vida—caminho reto, a verdade salvadora, a vida abundante.

4. Talvez vocês ou os membros da família de quem são mestres familiares possam compartilhar os exemplos de mudança que ocorreram em sua vida por terem escolhido seguir o Salvador.

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

"CONVERTER O NOSSO CORAÇÃO"

Objetivo: Lembrar às irmãs a importância de escrever a história pessoal e da família.

Aos nove anos de idade, Elizabeth emigrou para os Estados Unidos com um tio. Seus pais e outros seis irmãos pretendiam reunir-se a ela na América, mas nunca o conseguiram. Ela jamais voltou a vê-los.

Elizabeth cresceu, casou-se e um dia recebeu dois missionários SUD em sua casa. Poucos meses mais tarde, filiou-se à Igreja. Mas sua vida não era nada fácil; o marido perdera uma perna num acidente, além de sofrer de tuberculose e glaucoma, e estava completamente cego durante os últimos quinze anos de vida.

Com a morte dele, Elizabeth ficou sozinha para cuidar da fazenda e criar nove filhos. Para aumentar um pouco a parca renda da família, Elizabeth trabalhava como parteira.

A casa em que moravam foi destruída três vezes— por uma enchente, um incêndio e um ciclone. Mas a despeito dessas provações, Elizabeth conservava uma atitude positiva e compartilhava a alegria da mensagem do evangelho por onde andasse.

Auxiliada por Mary, sua nora, Elizabeth vinha compilando sua história pessoal, mas morreu num acidente de carro antes de terminá-la. Mary sentiu-se impelida a completar o trabalho e colocá-lo à disposição da família.

A história de Elizabeth vem influenciando profundamente sua posteridade. "Vovó continua sendo uma parte de nossa vida", diz Carol, filha de Mary.

"Quando vejo meus netos apanhando sua história na estante de livros", diz Mary, "eu sei por que fui tão fortemente impelida a terminá-la – para que sua posteridade conhecesse o legado que deixou."

Conhecer um pouco a respeito de nossos antepassados ajuda-nos a entendê-los melhor e a entender a nós próprias. Grande parte de nossos sonhos, aspirações, provações e problemas são semelhantes aos deles. Saber como nossos antepassados superaram suas provações e problemas empresta-nos força espiritual. A história da família não só ajuda a unir os membros da família para a eternidade, mas fortalece igualmente os vínculos que unem os familiares vivos.

A história pessoal e a história da família ajudam-nos a cultivar o senso de identidade e responsabilidade, avaliar nossa vida pessoal e preservar um legado para a posteridade. □

Sugestões para as Professoras Visitantes:

1. Compartilhe uma experiência edificante registrada numa história pessoal ou da família, ou peça à irmã que o faça.

2. Convide a irmã que visita a iniciar um diário ou começar a escrever sua história pessoal, se ainda não estiver fazendo.

(Vide informações adicionais no *Livro de Recursos para a Noite Familiar*, pp. 95–97, 203–204.)

Greg K. Olsen

VERDADES PERDIDAS RESTAURADAS:

PARTE III

O que não saberíamos a respeito do Salvador, se não tivéssemos o Livro de Mórmon.

Gilbert W. Scharffs

Nesta série de três artigos, Gilbert W. Scharffs, instrutor do Instituto de Religião SUD, comenta o que o Livro de Mórmon acrescenta ao nosso conhecimento do Salvador. No primeiro artigo (A Liahona de agosto de 1989), o irmão Scharffs abordou a melhor compreensão que o Livro de Mórmon nos dá a respeito do sacrifício expiatório do Senhor. No mês passado, ele falou de tópicos como o amor do Senhor a todos os homens; de Jesus Cristo como fonte da genuína liberdade; e da figura pré-mortal do Salvador. Neste último artigo, ele comenta como o Livro de Mórmon esclarece o ministério do Salvador, explica a revelação contínua e presta testemunho de Jesus como o Cristo.

17. *O ministério terreno do Salvador estendeu-se além da Palestina.* O domínio de Jesus abrange o mundo inteiro. O versículo do Novo Testamento em que Cristo proclama: "Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz . . . " (João 10:16), confunde muita gente. Disse o Senhor na América: "Sois aqueles de quem falei: Tenho também outras ovelhas, que não são deste redil." (3 Néfi 15:21.) Mais adiante ele diz: "Tenho outras ovelhas que não são desta terra", e que ainda deveria visitar. (3 Néfi 16:1.)

Alguns imaginam por que o Salvador precisou ser batizado, uma vez que não tinha pecados. O Evangelho de Mateus diz apenas que foi para "cumprir toda a justiça".

18. *O Livro de Mórmon nos ensina mais a respeito do batismo.* Como o batismo se destina à remissão de pecados, alguns imaginam por que o Salvador precisou ser batizado, uma vez que não tinha pecados. O Evangelho de Mateus diz apenas que foi "para cumprir toda a justiça". (Mateus 3:15.) Se nosso Senhor era santo, por que foi batizado? Néfi diz que foi para testificar sua obediência ao Pai e mostrar-nos o que devemos fazer para sermos salvos. (2 Néfi 31:5–9.) O Livro de Mórmon mostra também que o batismo era praticado muito antes do ministério mortal do Salvador. (Mosiah 18:14.)

19. *O Sermão da Montanha, de Jesus Cristo, é esclarecido no Livro de Mórmon.* Conforme está registrado na Bíblia, o Sermão da Montanha é magnífico, embora em alguns pontos não seja muito claro. O Livro de Mórmon esclarece alguns deles. Por exemplo, Mateus 5:3 e 5:6 diz: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus" e "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos." Terceiro Néfi 12:3 diz: "Bem-aventurados são os pobres em espírito *que vêm a mim,* pois deles é o reino dos céus" (grifo nosso); e 12:6 "Bem-aventurados são os que padecem fome e sede de justiça, pois eles serão cheios *do Espírito Santo*." (Grifo nosso.)

20. *Jesus Cristo tem o sacerdócio eterno que pode ser compartilhado com o homem.* Nos quatro evangelhos,

o conceito do poder e autoridade do Salvador não está claramente associado ao sacerdócio de que eram portadores os sacerdotes e levitas. Na epístola aos Hebreus, Jesus Cristo é considerado um "grande sumo sacerdote", mas quase não se menciona sua autoridade como o meio pelo qual seus discípulos podem governar a Igreja. (Hebreus 4:14; 5:10.)

No Livro de Mórmon, Alma explica muito mais a respeito do sumo sacerdócio.

O Senhor ordenou sacerdotes para ensinar o povo, e esses sacerdotes foram ordenados segundo a ordem do Filho de Deus, para que o povo "pudesse saber de que maneira deveria esperar (o) Filho, para a redenção". (Alma 13:2.) O sumo sacerdócio existe desde a fundação do mundo, preparado desde a eternidade para aqueles que são dignos de recebê-lo. (Vide Alma 13:1–12.) O Livro de Mórmon diz também que Melquisedeque tinha pai, esclarecendo Hebreus 7:3 que afirma que ele não tinha pai nem mãe. (Vide Alma 13:18.)

21. *Cristo é a fonte de revelação contínua ontem, hoje e amanhã.* A maioria das seitas cristãs acredita que hoje não mais existe revelação da Deidade como havia nos tempos bíblicos. Mórmon, entretanto, foi enfático quanto à continuidade da revelação. (3 Néfi 29:6.) Como também Moroni, que diz: "Dirijo-me àqueles que negaram as revelações de Deus, dizendo que elas já cessaram e que não há revelação . . .

. . . aquele que nega essas coisas não conhece o Evangelho de Cristo." (Mórmon 9:7–8.)

22. *O Livro de Mórmon profetiza que o Salvador restauraria sua Igreja em nossos dias.* A Bíblia prediz a Restauração, mas o Livro de Mórmon adianta outros pormenores concernentes à obra do Senhor nos últimos dias. Léhi declara que "o Messias deveria se manifestar a eles nos últimos dias, no espírito de poder, a fim de tirá-los da escuridão para a luz, sim, das trevas ocultas e do cativeiro para a liberdade". (2 Néfi 3:5.) Diversos profetas mencionam que o próprio Livro de Mórmon faria parte da Restauração. (Vide 2 Néfi 27; Éter 5.)

23. *Jesus afirmou que sua Igreja deve levar seu nome.* A Bíblia não cita o nome da Igreja de Cristo. Hoje, quase nenhuma das igrejas cristãs inclui *Jesus* em seu nome, e poucas o título de *Cristo*. Os doze discípulos, escolhidos por Jesus para dirigir sua Igreja nas Américas, uniram-se em fervorosa oração e jejum para saber que nome deveriam dar à Igreja. O Salvador respondeu: "E como poderá ser minha Igreja sem que tenha meu nome?" (3 Néfi 27:8.)

24. *O Messias não se esqueceu dos judeus.* Harris Lenowitz, um professor judeu, comentou que em geral os santos dos últimos dias tratam os judeus com muita bondade, acrescentando porém: "Mas estou preocupado. Maomé nos tratou bem a princípio. O mesmo fizeram os reis da Espanha, Fernando e Isabel, em fins do século XV. E também Martinho Lutero, dois séculos mais tarde. Mas, quando os judeus não quiseram converter-se, esses líderes e seu povo voltaram-se contra eles. Temo que o mesmo volte a repetir-se com os mórmons."

Naturalmente, nós o informamos de que tal coisa seria contrária a um princípio fundamental da Igreja: "Pretendemos o privilégio de adorar a Deus, Todo-Poderoso, de acordo com os ditames de nossa consciência e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde, ou o que quiserem." (Décima Primeira Regra de Fé.)

Em seguida, discutimos as promessas do Livro de Mórmon concernentes aos judeus.

Em 3 Néfi 29, Mórmon fala da Casa de Israel, dos judeus em particular, quando o Livro de Mórmon se tornasse acessível ao povo. Então o Senhor começaria a cumprir o convênio feito com eles de reconduzi-los à terra de sua herança. (Vers. 1.) Diz ele: "Não tereis que dizer que o Senhor retarda a sua vinda aos filhos de Israel." (Vers. 2.) Mórmon ensina que "o Senhor se lembrará de sua aliança, feita com seu povo, da casa de Israel". (Vers. 3.) E termina dizendo: "Já não tendes que escarnecer, desdenhar ou zombar dos judeus nem de ninguém do resto da casa de Israel; porque eis que o Senhor se lembra de sua

aliança com eles e procederá para com eles de acordo com o que jurou." (Vers. 8.)

Nós, santos dos últimos dias, sabemos que o Senhor fará pessoalmente sua obra entre os judeus; não é preciso que nos preocupemos demasiadamente com sua conversão. (D&C 45:48–53.)

25. *O Livro de Mórmon é um testemunho moderno de que Jesus é o Cristo.* "Por boca de duas ou três testemunhas será confirmada toda a palavra." (II Coríntios 13:1.) A Bíblia testifica enfaticamente de Cristo, e o Livro de Mórmon acrescenta seu testemunho persuasivo ao da Bíblia. Todos os grandes profetas do Livro de Mórmon profetizaram a respeito do Salvador e ensinaram sobre ele. O testemunho de mais três profetas bíblicos, desconhecidos nas versões atuais da Bíblia, está igualmente registrado no Livro de Mórmon. (Vide 1 Néfi 19:10.) Ele registra a visita do Salvador ao continente americano e o que ensinou na ocasião. O próprio Salvador explica o testemunho dos profetas do Livro de Mórmon concernente à sua pessoa:

"Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas.

E eis que sou a luz e a vida do mundo; bebi da taça amarga que o Pai me deu e o glorifiquei, tomando sobre mim os pecados do mundo, cumprindo assim a vontade do Pai em todas as coisas, desde o princípio." (3 Néfi 11:10–11.)

Quanto realmente saberíamos a respeito de Jesus Cristo sem o Livro de Mórmon? Não seríamos "levados em roda por todo o vento de doutrina", como pessoas que "aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade"? (Efésios 4:14; II Timóteo 3:7.) Dizia o Senhor ao Pai, em fervorosa oração: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3.) Temos um grande débito para com os profetas do Livro de Mórmon e Joseph Smith por nos permitirem conhecer Jesus Cristo um pouco melhor, dando-nos assim a oportunidade de alcançar a vida eterna. □

ohn Scott

OITO ANOS COM O

Dennis C. Brimhall

Em 1978, quando residíamos na Cidade do Lago Salgado, minha esposa Linda e eu fomos a uma reunião de ex-missionários. A certa altura, um deles contou entusiasmado que ele e seus familiares se levantavam mais cedo todas as manhãs para lerem juntos as escrituras.

Eu já ouvira falar de gente assim. Já era um problema eu conseguir ler as escrituras regularmente, quanto mais tirar a família inteira todos os dias mais cedo da cama para ler alguns versículos.

Linda e eu, porém, sabíamos que era exatamente o que deveríamos fazer. Demo-nos conta de que tal hábito, formado enquanto os filhos eram ainda pequenos, seria um excelente alicerce para eles.

Dias mais tarde e alguns minutos mais cedo que habitualmente, reunimos a família para começarmos a ler o Livro de Mórmon.

Optamos por ele devido a suas histórias maravilhosas e maneira simples de apresentar os princípios do evangelho. Além disso, era a unica obra-padrão que tínhamos em edição de tipos maiores para as crianças. Angela tinha seis anos, Jamie três e Dallas era recém-nascido. A princípio, a participação de Jamie e Dallas foi precária, mas Ângela comparecia religiosamente todas as manhãs.

Assim que começamos a leitura naquela primeira manhã, algumas coisas tornaram-se óbvias: Primeiro, a leitura levaria uma porção de tempo. Segundo, prolongar o tempo de leitura diária transformaria o projeto em tormento para todos nós. E terceiro, que a satisfação das crianças provinha tanto de poderem ler para os pais como das mensagens do Livro de Mórmon que aprendiam.

Considerando tudo isso, resolvemos ler uma coluna de página por dia, lendo os versículos um por um em voz alta. No caso de Ângela, que ainda mal sabia soletrar, geralmente se resumia em repetir as palavras que nós líamos.

Os debates resultavam de eventuais perguntas das crianças ou da necessidade de ênfase por parte dos pais. Muitas vezes, uma breve apresentação sobre o que íamos ler tornava a experiência mais interessante. Quando um grande profeta falecia, ficávamos tristes e conversávamos a respeito. Quando encontrávamos uma história ou profeta favorito, não deixávamos de mencioná-lo.

Desde o início, compreendemos que alcançar o último versículo do livro não era tão importante; o gostoso era chegar até lá. Logo perdemos qualquer interesse em terminar o livro às pressas. Se levasse cinco anos, e daí? Se as crianças ou mesmo um de nós parecesse cansado ou distraído, líamos um pouco menos. No dia seguinte sempre poderíamos retomar a leitura no ponto em que havíamos parado.

Encerrávamos todas as sessões de leitura ajoelhados em oração familiar.

À medida que as semanas se transformaram em meses e estes em anos, manifestou-se o milagre. Vimos nossos filhos aprendendo a ler. Melhor ainda, vimo-los travarem conhecimento com profetas, histórias e ensinamentos do Livro de Mórmon.

À medida que as crianças ficavam maiores começaram a dominar o texto, e foram-se libertando de nossa ajuda em pronunciar corretamente palavras e nomes. Raramente se atrapalhavam com um termo, como lamanita, ainda que às vezes, necessitassem de ajuda no caso de palavras mais corriqueiras. Logo a edição em tipos graúdos passou de Ângela

LIVRO DE MÓRMON

para Jamie, de Jamie para Dallas e depois para Jill, nossa caçula. Quando os mais velhos ganharam seu próprio exemplar do Livro de Mórmon, a satisfação foi maior ainda.

Ao longo da jornada colhemos muitos triunfos. Sempre que uma das crianças conseguia ler um versículo inteiro sem ajuda, a família recompensava o feito com aplauso espontâneo. Quando lemos 3 Néfi, todos sentimos um espírito especial. As crianças perceberam a importância daquelas passagens. Lemos algumas delas mais de uma vez, parando a debatê-las. Quando lemos a respeito do amor do Senhor às crianças pequenas e como ele as abençoou, nossos filhos sentiram como se o Livro de Mórmon tivesse sido escrito particularmente para eles.

Tivemos também alguns reveses. O verão revelou-se um tempo difícil para nosso programa de leitura. Quando estavam de férias, as crianças não precisavam levantar tão cedo quanto eu, e perdíamos uma porção de dias durante esses meses. Entretanto, assim que recomeçavam as aulas, o problema deixava de existir.

O maior desafio surgiu em 1983, quando mudamos de casa. Residindo longe da cidade, eu levava uma hora para ir e voltar do trabalho. Isto significava que eu tinha que sair bem cedo, antes de as crianças acordarem.

Resolvemos o problema transferindo a leitura para pouco antes da hora de dormir, o que passou a exigir muito mais disciplina. Compromissos, deveres de casa, televisão e até mesmo as atividades da Igreja competiam com nosso período de leitura. Após algumas semanas, porém, a rotina estava restabelecida e prosseguimos em nossa caminhada.

Quando estávamos no meio do Livro de Mórmon, tornou-se óbvio que precisávamos "alongar nossos passos e acelerar nosso ritmo", para que as crianças terminassem o Livro de Mórmon antes de sair de casa para estudar, cumprir missão ou casar-se. Havia muito que passáramos a ler ambas as colunas de uma página. Então passamos a ler duas páginas por noite. Em outubro de 1986 estabelecemos uma meta: Acabar de ler o Livro de Mórmon até o Natal!

Foi uma noite muito especial quando lemos a última página. Planejamos a coisa de modo que Jill, então com cinco anos, lesse o último versículo. Não se falou muita coisa, mas nessa noite a prece foi de agradecimento especial pela nossa jornada de oito anos através do Livro de Mórmon.

Pensamos em celebrar o feito, mas percebemos que se tratava apenas da conclusão de uma parte de nosso esforço, e não o fim de nossa leitura diária das escrituras. Então comemoramos indo tomar sorvete. A verdadeira recompensa era a íntima satisfação sentida por todos. Havíamos lido o Livro de Mórmon, e havíamos feito isso juntos.

Estamos convictos de que o Senhor reservou uma bênção especial para nossos filhos. Eles tornaram-se excelentes leitores. Aprenderam, também, a amar o Livro de Mórmon. Estamos especialmente ligados pelo conhecimento de haver obedecido ao profeta pelo fortalecimento decorrente dos conselhos encontrados no Livro de Mórmon e pelo amor cultivado nesses minutos diários em que cada criança era o centro das atenções e nada mais realmente importava. □

Ondre Pettingill

JOAQUIM DEIXOU DE APARECER NA IGREJA

Keith Nielson

Joaquim, um recém-converso parecia insaciável quanto à Igreja e suas atividades. Quando acontecia encontrar-nos durante o dia, largava o que estava fazendo e passava horas em contatos de rua conosco. Costumava mesmo chegar mais cedo para as reuniões, só para o caso de poder ajudar de alguma maneira. Joaquim Pinto Dias e seus familiares tornaram-se logo pilares do Ramo Meier, no Rio de Janeiro, Brasil, em 1970.

Chamado para lecionar na Escola Dominical, Joaquim cumpria seu chamado com extremo zelo. Se o manual determinava que as aulas fossem de quarenta minutos, era exatamente o tempo que levava.

Então, de repente, ele deixou de aparecer na Igreja. Como acontece às vezes com membros novos, a crise foi causada por uma coisa aparentemente trivial. No cumprimento de seus deveres, o presidente da Escola Dominical reduziu o tempo prescrito de aula para solucionar um problema de programação. Quando Joaquim fez objeção, o presidente deu-lhe uma resposta pouco diplomática.

Passado pouco tempo, o presidente da Escola Dominical foi chamado para ser o novo presidente do ramo. Foi então que Joaquim profundamente ofendido, se afastou de vez da Igreja, não havendo nada que os missionários ou membros pudessem fazer para chamá-lo à razão.

Eu era um dos missionários. Após meses de infrutí-

Mitchell Heinze

Uma coisa aparentemente trivial envolvendo uma diferença de opinião sobre o tempo de duração na aula da Escola Dominical, resultou no afastamento de Joaquim.

feras tentativas de persuasão, meu companheiro e eu decidimos visitar Joaquim mais uma vez. Os argumentos costumeiros de nada adiantaram. De repente, ouvi-me dizendo: "Irmão Joaquim, já o perdoou?"

A pergunta atingiu-o como um raio. Ele fora ofendido e a lógica lhe dizia que cabia ao novo presidente do ramo procurá-lo e pedir-lhe desculpas.

Ponderou minha pergunta, voltou-se depois para a mulher e indagou se ela achava possível que ele não houvesse perdoado seu semelhante, conforme o Salvador mandou.

Ela respondeu afirmativamente e o caso ficou resolvido. Ele voltaria para a Igreja. Despedimo-nos e saímos.

Ao descermos a rua, o impacto da minha pergunta atingiu-me como fizera a ele. Percebi que não fora eu quem perguntara; fora o Espírito Santo falando por meu intermédio. As palavras haviam simplesmente saído de minha boca, induzidas pelo Espírito.

O Espírito do Senhor interviera depois de exaurirmos todos nossos argumentos. Quando o significado do acontecido me inundou a alma de alegria, senti-me como que elevado aos céus, e fui para casa como se flutuasse sobre o calçamento irregular da rua. □

Keith Nielson é presidente de uma empresa de desenvolvimento imobiliário e técnico-assistente da equipe feminina de tênis da Universidade Brigham Young.

PAIS SEPARADOS MAS NÃO ABANDONADOS

Frances Warden

Devido à expiação do Salvador, não precisamos nunca nos sentir totalmente sós.

Nos últimos anos, desde que começaram os eventos que me levaram ao divórcio, tenho passado mais noites sem dormir e orado com mais fervor que em qualquer outra época de minha vida.

Por que me acontecera justamente a coisa que mais temia? Como conseguiria recuperar as esperanças perdidas? Lembro-me de uma ilustração que mostrava um menino falando sobre um livro que lera, e ele dizia: "Este livro me ensinou mais sobre cavalos do que jamais quis saber." E intimamente eu disse muitas vezes ao Senhor: "Esta experiência me ensinou mais sobre maturidade emocional do que jamais quis saber."

Uma noite, em particular, extravasei meu coração a Deus. Sentia-me arrasada pelo acontecido que deixara meus filhos sem um pai em casa. Durante aqueles momentos amargos, pareceu-me impossível suportar a idéia de que eu destruíra algo precioso e perdera alguma coisa vitalmente importante para mim e meus filhos. Não dormi bem naquela noite.

Eu sabia que Cristo morrera para que não tivéssemos de carregar o fardo de nossos fracassos e culpas para sempre; mas não conseguia enxergar como meu arrependimento e mesmo a expiação de Cristo poderiam remediar o mal causado a minha própria vida, e à de meu ex-marido e de meus filhos. Pensei: "O Senhor nunca magoou ninguém como eu por ignorância, egoísmo ou falta de discernimento. Ele nunca errou. Ele não tem de suportar o fardo constante de saber que prejudicou a vida de um ente querido."

"Tampouco tu", veio-me a resposta suave. Subitamente fui imersa na percepção de que, ao aceitar o sacrifício do Salvador por meus pecados, ele os tirou de sobre meus ombros num sentido muito mais real do que jamais entendera. Depois que me arrependi daqueles pecados e procurei repará-los no que me era possível, já não mais importava, quem fora o culpado; a preocupação foi transferida do passado para o futuro. "Agora", pareceu-me ouvir, "o que faremos para ajudar nossos filhos, tu e eu juntos?" Isto calou fundo em minha alma: Meus filhos são filhos do Pai Celeste *também*, e ensiná-los a amar o Senhor e viver o evangelho é tão importante para ele quanto para mim.

Assim que compreendi tal fato, senti-me liberta da sensação de insucesso e inadequação. Compreendi que não precisava ser perfeita para ser uma boa mãe. Admitindo humildemente minhas fraquezas e exercendo fé em Cristo, tornara-me sócia, ou melhor, fora aceita como sócia de um Ser perfeito. Afinal, não estava criando meus filhos sozinha; tinha todo o direito de fazê-lo junto com um Pai de amor que desejava seu bem-estar (e meu também), muito além do que conseguia compreender! Foi um conforto indescritível.

Nas semanas seguintes, procurei ampliar a compreensão deste conceito. Descobri que as escrituras estavam repletas de convites para compartilhar meu fardo com Deus. "Lança o teu cuidado sobre o Senhor, e ele te susterá." (Salmos 55:22.) "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei." (Mateus 11:28.) "Buscai-me em todo pensamento; não duvideis, não temais." (D&C 6:36.) "Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todo os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas." (Provérbios 3:5–6.)

Aprendi que independente de minhas condições, a

Roger Motzkus

despeito de erros passados, eu podia neste momento escolher um modo de vida agradável ao Senhor e que me conduzisse à perfeição. Linha sobre linha, preceito sobre preceito, nosso lar poderia tornar-se paulatinamente um lugar celestial.

Certa noite, examinando e pensando seriamente na necessidade de uma ajuda a mais como mãe separada, abri o Livro de Mórmon a esmo e dei com estes versículos:

"E . . . suas aflições eram tão grandes (do povo de Alma) que eles começaram a clamar fervorosamente a Deus.

E aconteceu que a voz do Senhor lhes veio em suas aflições, dizendo: Levantai vossas cabeças e reanimai-vos, porque sei do convênio que fizestes comigo; farei um pacto com o meu povo e o libertarei do cativeiro.

E também aliviarei as cargas de vossos ombros . . .

E aconteceu que os trabalhos impostos a Alma e seus irmãos se tornaram leves; sim, o Senhor os fortaleceu de tal modo, que podiam carregar seus fardos com facilidade, e submeteram-se de bom grado e com paciência a todas as vontades do Senhor.

E tão grande era a sua fé e paciência que a voz do Senhor lhes veio novamente, dizendo: Tende ânimo, porque amanhã vos libertarei do cativeiro." (Mosiah 24:10, 13–16.)

Tive a íntima certeza de que esses versículos se aplicavam tanto a mim como àquele povo antigo. Soube que o Senhor de fato aliviaria meu fardo enquanto tivesse de levá-lo e que, quando me houvesse submetido com toda paciência à vontade do Senhor, ele me libertaria dele. Soube, também, que dar-me justamente a provação capaz de atingir-me profundamente e fazer meu coração voltar-se a ele, era a medida do amor de Deus a mim.

Somos abençoados com o privilégio de poder recorrer ao Senhor com todos nossos problemas, necessidades e desapontamentos. Embora seja impossível assegurar-nos de que tudo que fizermos de errado possa ser ou será remediado, ao menos podemos ter certeza de que, quando recorrermos ao Senhor em retidão, Cristo há de carregar nosso fardo. E, de alguma forma, o próprio sofrimento ou insucesso que a princípio nos pareceu insuportável, muitas vezes nos permite alcançar o grau de humildade e fé necessárias. Isto é absolutamente essencial para nos levar à plena associação com o Senhor. Só então conseguiremos enfrentar e superar os desafios que considerávamos superiores à nossa capacidade.

A mãe separada sente falta do incentivo e apreço de um amoroso companheiro. Muitas poderão achar, como eu, que estão isoladas ou exiladas do corpo da Igreja, ou que estabelecer a espécie de vida familiar como a sonhada quando jovens é inexeqüível. Estou, porém, convencida de que o Senhor atenta para *todos* nós, solteiros, separados, casados ou viúvos; e que Cristo será de fato, nosso parceiro em tudo que fizermos com retidão. Creio que, se aceitarmos essa associação, ele não deixará de coroar nossos esforços com paz e resultados muitas vezes além do esperado.

Ele morreu por isto – para que nossos corações não se partissem em virtude do pesar, culpa e anseios fúteis; mas para que pudéssemos renascer, constantemente renovados na fé, na coragem e no amor. □

Frances Warden é membro da Ala Orem 19, Estaca Sharon Orem Sul Utah.

ATRÁS DOS BÚFALOS

A História de Joseph B. Elder, um Pioneiro SUD

Diane Lofgren Mangum

Lorence F. Bjorklund

Num inesquecível dia de outono de 1856, um grupo de uns quinhentos pioneiros SUD encontrava-se puxando incansavelmente carrinhos-de-mão rumo a Sião, quando se viram rodeados por búfalos. A princípio, encararam-nos como uma bênção, pois precisavam reforçar seu suprimento de carne. Os grandes animais, porém, lançaram-se em corrida desabalada em meio à caravana, pisoteando tudo e pondo o gado em debandada. Sem as necessárias armas de fogo, os santos mataram apenas dois búfalos.

A batalha dos pioneiros com os búfalos foi descrita no diário de Joseph Benson Elder, rapaz de vinte e um anos que presenciou o evento embora estivesse muito distante do grupo para poder ajudar.

Joseph estava viajando com a companhia havia pouco tempo. Apenas dois dias depois de sua ordenação ao Sacerdócio de Melquisedeque nesse mesmo ano e um ano após o batismo, decidira juntar-se aos santos que iam para Sião e ajudá-los.

Rumo ao Oeste, para a Cidade do Lago Salgado

Durante todo o verão de 1856, Joseph e vários outros rapazes SUD dedicaram-se à difícil e perigosa tarefa de arrebanhar e conduzir reses, mulas, cavalos e bois ao encontro dos diversos grupos migratórios que abriam caminho pelas pradarias americanas em busca de Sião. Foi só em meados de agosto que Joseph Elder foi designado para a companhia de carrinhos-de-mão que já havia partido da Cidade de Iowa, para Winter Quarters, onde os emigrantes SUD europeus haviam chegado de trem.

Sob o comando de James G. Willie, a companhia ficara esperando mais de um mês em Iowa pelos carrinhos-de-mão que ainda não estavam prontos. Alguns líderes da comissão de emigração da Igreja achavam que já era muito tarde para mais um grupo partir para Utah naquele ano, mas o entusiasmo era tamanho que decidiram fazê-lo.

Joseph Elder anotou em seu diário sob a data de sábado, 17 de agosto:

"Organizamo-nos para a marcha até a Cidade do Lago Salgado, distante mais de 1600 quilômetros. Era interessante ver os carros seguindo agrupados em várias divisões, e contemplar a fé e o ânimo do povo. Embora as pradarias jamais tivessem sido cruzadas por carrinhos-de-mão, eles acreditavam que conseguiriam."

Joseph foi encarregado de dirigir um dos carroções de suprimentos e ajudar a conduzir o gado que levavam consigo como reserva alimentar. A companhia

"Muitos não conseguem esquecer as cenas que presenciaram naquele dia. Homens, mulheres e crianças debilitados pela fome . . . Enterramos nove, todos numa única cova profunda."

contava, por estimativa, "umas quatrocentas e cinqüenta pessoas com cerca de cento e vinte carrinhos-de-mão, além dos seis carroções de suprimentos", divididos em grupos de dez e cem.

Quando partiram da região de Florence, Nebraska—ou acampamento de Winter Quarters, havia três outras companhias à frente deles, e a Companhia Martin alguns dias atrás. Esses grupos de 1856 eram os primeiros a tentar a travessia das pradarias munidos só de carrinhos-de-mão e tendas. Quando a Companhia Willie deixou Winter Quarters, ainda faltavam quatro semanas para os três grupos precedentes

Clark Kelly Pri

chegarem à Cidade do Lago Salgado. Ninguém ainda provara que um numeroso grupo de homens, mulheres e crianças, incluindo pessoas idosas e doentes, conseguiria chegar a Sião, a pé. Mas eles queriam tentar, mesmo que o inverno já estivesse próximo.

O Início da Verdadeira Adversidade

No decorrer do tempo, entretanto, os pioneiros foram enfrentando sérios problemas. Os carros para as companhias Willie e Martin haviam sido construídos às pressas e quebravam freqüentemente. Por causa das paradas para consertá-los, os mantimentos teriam de durar mais tempo e assim os pioneiros estariam cruzando as montanhas mais perto do inverno.

Embora Joseph Elder se empenhasse bastante na caça aos búfalos para a companhia, nem sempre os encontrava, e as provisões começaram a escassear. Reses e bois perderam-se no estouro provocado pela investida dos búfalos. Foram obrigados a racionar a farinha de trigo, além de não disporem de quase nenhum outro alimento. Alguns migrantes começaram a enfraquecer. A companhia confiava e dependia criticamente dos carroções de suprimento que as autoridades da Igreja na Cidade do Lago Salgado haviam prometido mandar ao seu encontro.

Por volta de 26 de setembro, chegaram à Cidade

do Lago Salgado as três primeiras companhias de carrinhos-de-mão, enquanto a Companhia Willie ainda estava bem distante, no meio das montanhas. Joseph Elder anotou que chegaram ao Forte Laramie, Wyoming por volta de 1° de outubro. A partir dali, todos os dias embrenhavam-se mais nas montanhas. No dia em que andaram vinte e cinco quilômetros sem água, foi também distribuída a última ração de farinha de trigo. Ainda faltavam centenas de quilômetros para chegarem à Cidade do Lago Salgado, e não tinham qualquer notícia de quando poderiam esperar a chegada de mantimentos.

Um dos maiores contratempos que enfrentaram foi uma nevasca excepcionalmente prematura e pesada. Os pioneiros procuraram abrigar-se, mas suas barracas eram inúteis nessas condições extremas. "Foi horrível, pois as pessoas estavam debilitadas pelas rações alimentares reduzidas", recordou Joseph. Quando a nevasca amainou, porém, ouviram-se brados de alegria no acampamento, ao avistarem um carroção. Dois homens da Cidade do Lago Salgado avisaram que carroções e cavalos estavam a caminho, trazendo provisões. "Que notícia gloriosa", escreveu Joseph. Mas a notícia em si não servia para alimentar centenas de santos famintos nem os mantinha agasalhados naquela hora de necessidade crítica.

"Com as novas provisões e agasalhos, a saúde do grupo foi melhorando aos poucos . . . Finalmente, para grande alegria nossa, chegamos à Grande Cidade do Lago Salgado."

"Quando despertamos na manhã seguinte, os pioneiros estavam tremendo de frio e fome. Deixar que caminhassem na neve significava morte certa para muitos deles, pois ainda não havíamos encontrado os carroções de socorro, somente o que passara por nós e seguira em busca da Companhia Martin."

Joseph anotou em seu diário que o comandante do grupo decidiu então sair à procura dos carroções, levando Joseph consigo. A companhia deveria acampar e procurar abrigar-se da melhor forma possível. Cada pioneiro só poderia levar um máximo de oito quilos de roupas e cobertores, para não sobrecarregar o carrinho-de-mão. Naquele frio impiedoso, era insuficiente. Muitos santos estavam literalmente morrendo congelados.

"Partimos em busca de nossos irmãos", conta Joseph; montados em velhas mulas cansadas, percorreram dezoito quilômetros com neve e vento gélido fustigando suas faces o dia inteiro. Na manhã seguinte encontraram um poste indicando onde encontrar o grupo de resgate, o qual fora retido pela nevasca.

"Grande foi a alegria deles ao nos verem, pois nos procuravam havia muito tempo."

"Foi um Dia Horrível"

Viajaram mais um dia e meio antes que Willie e Joseph Elder conseguissem chegar ao acampamento com o grupo de resgate. Ali verificaram que o frio cobrara um preço terrível.

Conta Joseph: "Foi um dia horrível. Muitos não podem esquecer as cenas que presenciaram naquele dia. Homens, mulheres e crianças debilitados pelo frio e pela fome, chorando, lamentando-se e até mesmo morrendo ao longo da trilha . . . Oh, como meu coração tremeu e se confrangeu diante da cena terrível que me rodeava. Na manhã seguinte enterramos nove, todos numa única cova profunda."

A sina da Companhia Willie de carrinhos-de-mão, seria lembrada como uma das mais duras provações de todas as enfrentadas pelos pioneiros mórmons. Mas com a chegada de provisões e agasalhos, a saúde do grupo foi melhorando aos poucos e até mesmo o tempo amainou. "Prosseguimos a passo firme e constante, e finalmente, para grande alegria nossa, chegamos à Grande Cidade do Lago Salgado no dia 9 de novembro de 1856." Dos quatrocentos e cinqüenta santos que iniciaram a jornada, sessenta e sete haviam ficado pelo caminho.

Duas semanas após a chegada do grupo, Joseph ouviu o Presidente Brigham Young pedir voluntários para socorrerem os seiscentos membros da Companhia Martin, que ainda enfrentava a neve profunda das montanhas.

Joseph partiu no mesmo dia em companhia de outros voluntários.

Nas montanhas, a camada de neve chegava a três metros de altura, impedindo a passagem dos carroções. Os voluntários foram obrigados a carregar as provisões nas costas até a companhia de carrinhos-de-mão. Joseph e outros ajudaram a estabelecer um acampamento onde os migrantes pudessem preparar-se para a arrancada final até a Cidade do Lago Salgado.

Finalmente, os pioneiros de carrinhos-de-mão chegaram a Sião em segurança, onde trataram de iniciar vida nova.

Joseph empregou-se como professor, e como cocheiro da carruagem de Brigham Young. Pouco tempo mais tarde, conheceu Margaret Joiner, encantadora jovem inglesa recém-convertida e que chegara a Utah com um grupo de pioneiros. Casaram-se e tiveram sete filhos, dos quais só dois atingiram a idade adulta. Joseph cumpriu uma breve missão em Illinois e, em 1878, aos quarenta e três anos, partiu em missão para a Europa.

Joseph Benson Elder teve uma vida longa, dedicada ao serviço na Igreja, no qual encontrou muita satisfação. □

Escultura do carrinho-de-mão por Torlief Knaphus; "Os Santos Entrando no Vale do Lago Salgado" de C.C.A Christensen.

UMA FAMÍLIA PARA PETER

Lin Watson

Certa noite, quando meu filhinho Peter tinha apenas sete semanas de idade, eu estava a embalá-lo em nossa sala de estar, dizendo-lhe que era um garotinho lindo e muito precioso para nós, quando me ocorreu uma pergunta: "Quem você gostaria que o criasse, se não pudesse fazê-lo pessoalmente?"

Então pensei: "Eu escolheria uma família em cujo lar reinasse paz e harmonia. Ela o amaria e incentivaria, e lhe ensinaria que é um filho de Deus. Mesmo quando contrariada, falaria com ele em tom moderado. Também seria honesta: tanto nas palavras como nas ações. Gostaria que Peter se sentisse à vontade e seguro com ela."

"É", pensei, "gostaria que essa família o amasse, encorajasse e ajudasse a criar-se no evangelho."

Ocorreu-me então, claramente um segundo pensamento, quase como que o próprio Pai Celeste falando-me: *É exatamente como eu me senti quando lhe confiei este pequeno espírito.*

Compreendi então como nossos amorosos pais celestes devem sentir-se ao entregar-nos seus filhos para serem criados na mortalidade. Reconheci, também, quão precioso lhes é cada filho, exatamente como os meus o são para mim.

Ponderando as características maternais que o Senhor desejaria ver em mim, senti-me muito humilde sabendo que muitas vezes eu ficaria aquém da expectativa. Mas senti, igualmente, intensa alegria ao prometer ao Pai Celeste que me esforçaria para ser a espécie de mãe que ele gostaria que eu fosse. □

Steve Bunderson

Paul Mann

A FAMÍLIA KNIGHT

Parte I

Um constante exemplo de fé e lealdade transparece na família de Joseph Knight, que conhecia intimamente o Profeta e prestou poderoso testemunho de seu chamado profético.

William G. Hartley

Joseph Smith avistou o idoso Joseph Knight descendo vagarosamente uma rua de Nauvoo. Alcançando-o em poucas passadas, entregou a seu velho amigo de Nova York sua bengala, insistindo que a conservasse e depois a legasse a um descendente de nome Joseph.[1] A amizade deles vinha de quase vinte anos, de antes da época em que Joseph Smith recebera as placas do Livro de Mórmon.

Depois dos Smith, a família de Joseph e Polly Knight pode ser considerada a segunda da Restauração. Eles conheciam bem Joseph Smith e aceitaram suas afirmações ainda antes de Oliver Cowdery, Martin Harris ou David Whitmer conhecê-lo. Os Knight também se mostraram mais constantes e leais a ele do que as três, as oito testemunhas, e até mesmo alguns de seus familiares. Tornaram-se um tipo especial de testemunhas, uma testemunha familiar da obra profética de Joseph Smith.

A amizade de Joseph Smith com os Knight teve início quando ele estava com vinte

anos. Em fins de 1826 passou a empregar-se como trabalhador braçal na propriedade do Sr. Joseph Knight e de outros na área de Colesville, Nova York. O jovem Joseph trabalhava na lavoura e provavelmente ajudava na serraria dos Knight. Ele tivera a Primeira Visão seis anos antes e vinha-se encontrando com Morôni havia três.

Enquanto trabalhava para os Knight, ele compartilhava um quarto com Joseph Knight Jr, o qual conta que, em novembro de 1826, Joseph Smith "nos fez saber que tivera uma visão na qual lhe aparecera um personagem que lhe disse onde se encontrava enterrado um antigo livro de ouro e que, se seguisse a orientação do Anjo, poderia consegui-lo. Contou-nos isso em segredo."[2]

O outro filho, Newel Knight, conta que Joseph Smith os visitava freqüentemente e que "ficaram profundamente impressionados pela veracidade de suas afirmações concernentes às placas do Livro de Mórmon que lhe haviam sido mostradas por um anjo do Senhor".[3]

Joseph Smith estava, na época, fazendo a corte a Emma Hale, romance assistido por Pai Knight: "Paguei-o e emprestei-lhe um cavalo e trenó para poder ir ver a namorada."[4] Joseph e Emma casaram-se pouco depois disso, a 18 de janeiro de 1827, indo morar na casa da família Smith perto de Palmyra, distante uns vinte e sete quilômetros.

A Retirada das Placas

Chegando a época de Joseph Smith obter as placas, o Sr. Joseph Knight foi à casa da família Smith, onde o Profeta usou o carroção dele para retirar as placas. Quando voltou de sua missão altas horas da noite, Joseph Smith disse ao irmão Knight: "É dez vezes melhor do que eu esperava." Segundo conta ele, o Profeta descreveu as placas, embora "parecesse mais interessado nos óculos, ou Urim e Tumim, do que nas placas. 'Pois', dizia, 'posso ver tudo. São maravilhosos.'"

Em princípios de 1828, Joseph e Emma haviam-se mudado para a propriedade do pai desta, distante uns dezoito quilômetros da casa dos Knight. Joseph Smith verificou ser impossível ganhar a vida e traduzir as placas ao mesmo tempo, pedindo então auxílio ao Pai Knight. Embora não estivesse em boas condições financeiras, o Sr. Joseph Knight entregou-lhe algumas mercadorias: "algumas coisas da loja, um par de sapatos e três dólares." Poucos dias mais tarde, visitou o jovem casal e entregou-lhe algum dinheiro para comprarem papel para tradução. Joseph Knight Jr. recorda que, antes da chegada de Oliver Cowdery, "o pai e eu íamos vê-lo (Joseph Smith) muitas vezes, levando-lhe alguma coisa para seu sustento".

Como a Sra. Knight ainda não fosse crente, em março de 1828 seu marido levou-a de trenó numa visita aos Smith. Conta ele: "Joseph conversou conosco sobre sua tradução e algumas revelações que recebera. E a partir de então, minha mulher passou a crer."

Em princípios de 1828, quando Oliver Cowdery se tornou escrevente de Joseph Smith, os dois fizeram uma visita ao Pai Knight em busca de provisões. Este comprou e entregou-lhes alguns suprimentos, incluindo peixe, trigo, batatas, além de papel pautado para escrever. Os dois ficaram radiantes com os comestíveis e papel, e "então puseram mãos à obra, tendo provisões suficientes até terminarem a tradução".

Anos mais tarde, Joseph Smith louvou Pai Knight por aquelas provisões: elas "nos permitiram continuar o trabalho quando de outro modo seríamos obrigados a interrompê-lo por algum tempo".[5] O Sr. Joseph Knight ajudou o mundo a receber mais cedo o Livro de Mórmon. Se o Profeta tivesse sido obrigado a trabalhar o tempo todo para sustentar os seus, a tradução teria levado anos.

Em maio de 1829, o Sr. Joseph Knight quis saber o

A FAMÍLIA KNIGHT

***Pai** Knight freqüentemente dava a Joseph Smith provisões e papel para ajudá-lo na tradução do Livro de Mórmon.*

que deveria fazer com relação à obra divina então em andamento. O Profeta perguntou ao Senhor e recebeu uma revelação instruindo Pai Knight a esforçar-se "para erguer e estabelecer a causa de Sião" (D&C 12:6), e a dar ouvidos com todo empenho à palavra do Senhor. Esta foi a primeira das muitas revelações dirigidas aos Knight em Doutrina e Convênios.[6]

No início de junho de 1829, Joseph e Oliver terminaram a tradução do Livro de Mórmon, e as Três Testemunhas, seguidas das Oito Testemunhas, tiveram permissão de ver as placas. Lamentavelmente, não havia ninguém da família Knight entre elas, pois viviam relativamente distantes do local. Mas no dia da organização da Igreja, um terço das sessenta pessoas presentes era da família Knight, de Colesville.

Batismo de Membros da Família Knight

Passado pouco tempo, Joseph Smith dirigiu-se a Colesville a fim de pregar e promover reuniões, sabendo que provavelmente os Knight estavam preparados para receber o evangelho. Nessa ocasião, desafiou Newel Knight a orar em voz alta. Foi então que Newel foi atacado por um espírito maligno, que chegou a erguê-lo do chão "e jogá-lo de lá para cá de modo assustador". Os vizinhos acorreram e então viram o Profeta expulsar o demônio em nome de Jesus Cristo. Newel sentiu um grande alívio e

aceitou alegremente o batismo. (Esse exorcismo foi o primeiro milagre realizado na Igreja Restaurada.)[7] Ele foi o primeiro de mais de sessenta membros do clã Knight que se filiaram à Igreja.

Na primeira conferência da Igreja, realizada a 9 de junho de 1830 na casa da família Whitmer, os presentes testemunharam manifestações espirituais semelhantes às do Dia de Pentecostes. Newel foi um deles. Teve uma visão bastante parecida com a do mártir Estevão: "Vi os céus abertos, contemplei o Senhor Jesus Cristo assentado à mão direita da Majestade Altíssima, e ficou claro ao meu entendimento que chegaria o tempo em que eu seria admitido à sua presença para gozar de sua companhia para todo o sempre."

A despeito do antagonismo local, muitos membros da família Knight foram batizados a 28 de junho de 1830, inclusive Pai e Mãe Knight, seu filho Joseph, Sally (esposa de Newel), a filha Esther e seu marido William Stringham, e a filha Polly (com nome igual ao da mãe). O sobrenome de solteira de Mãe Knight era Peck, e entre seus familiares desse lado, foram batizados seu irmão Hezekiah e a esposa Martha, sua irmã Esther e o marido Aaron Culver.[8]

Vizinhos hostis impediram a confirmação dos conversos, sendo que Joseph Smith foi preso por um policial. Indignado, o Pai Knight contratou James Davidson e John Reid, dois lavradores vizinhos versados em assuntos legais, para defenderem o amigo. Eles o fize-

ram, e Joseph Smith foi solto à meia-noite.[9]

Joseph Knight Jr. conta que os ânimos da vizinhança se exaltaram: "Naquela noite, eles viraram nossos carroções e empilharam madeira em cima deles; alguns foram jogados na água. Empilharam mourões contra nossas portas, lançaram correntes no rio e cometeram uma série de maldades."

Horas após sua soltura, Joseph Smith foi preso de novo e julgado em Colesville. Os amigos advogados do Pai Knight estavam demasiado cansados para ajudar, mas finalmente cederam a seus rogos. O Sr. Reid comentou que o Pai Knight era "como os antigos patriarcas que acompanharam a arca de Deus até a cidade de Davi." Chamado a testemunhar, Newel disse no tribunal que não fora Joseph Smith quem expulsara o demônio de seu corpo, mas sim o poder de Deus. (Vide Artigo correlato "Joseph Perante o Tribunal.") Os advogados Davidson e Reid rebateram as alegações da acusação e Joseph Smith foi absolvido.[10]

Em setembro de 1830, Newel Knight e seu cunhado Freeborn DeMille, compareceram à segunda conferência da Igreja realizada em Fayette, Nova York.[11] Newel foi ordenado sacerdote e Freeborn foi batizado.

Em Fayette, Newel Knight tornou-se confidente do jovem Profeta, durante uma crise provocada pela reivindicação de Hiram Page, que alegava receber revelações para a Igreja por meio de uma pedra pretensamente reveladora. Newel conta que Hiram Page carregava "um rolo inteiro de papéis cheios dessas revelações" que enganaram muita gente. Joseph Smith "estava perplexo e mal sabia como enfrentar essa nova situação." Compartilhando o mesmo quarto, os dois amigos passaram a maior parte da noite em oração, recebendo em resposta uma revelação (vide D&C 28) que explicava minuciosamente os canais apropriados pelos quais a Igreja receberia revelação. Newel conta que o "Irmão Page e todos . . . os presentes repudiaram a tal pedra . . . para grande alegria e satisfação nossa."

A FAMÍLIA KNIGHT

Os dois amigos passaram a maior parte da noite em oração e Joseph recebeu uma revelação para a Igreja.

Após as reuniões, Hyrum Smith foi designado para presidir o Ramo Colesville. Ele e sua esposa Jerusha moravam com Newel e Sally Knight, de quem se tornaram bons amigos. Mais tarde, Newel foi o sucessor de Hyrum na presidência do ramo.

O Sacrifício de Mudar de Residência

Em dezembro de 1830, a Igreja foi instruída a congregar-se em Ohio. (Vide D&C 37:3.) Newel Knight diz que isso implicava o sacrifício de sua propriedade. Newel vendeu sessenta acres, Freeborn DeMille sessenta e um, Aaron Culver cem e Pai Knight cento e quarenta acres com "duas boas casas, um bom estábulo e um belo pomar". Liderados por Newel, sessenta e dois membros da família Knight transferiram-se para Ohio como parte da primeira coligação. Ao contrário de outras unidades da Igreja, o Ramo Colesville permaneceu intacto.

A família estabeleceu-se nas terras de Leman Copley, perto de Painesville, Ohio, tornando-se o primeiro grupo de membros da Igreja, nesta dispensação, que tentou viver numa sociedade de cooperação econômica. (Vide D&C 48;51.) Mas o filho de Leman Copley reclamou sua propriedade e pediu aos santos que a desocupassem. Pai Knight conta: "Procuramos vender o que podíamos, mas Copley se aproveitou de nós e não conseguimos coisa alguma pelo que havíamos feito." Newel Knight pediu conselho ao Profeta e, em resposta, Joseph Smith recebeu uma revelação que instruía o clã dos Knight a mudar-se novamente, desta vez para o Missouri. (Vide D&C 54.)

Em 25 de julho de 1832, Joseph Smith dava as boas-vindas aos seus amigos de Colesville no Missouri, instruindo-os a se estabelecerem oito quilômetros a oeste de Independence. Diz o Pai Knight: "En-

contramos uma região linda, rica e agradável, e nos instalamos com todo o conforto possível."

William G. Hartley é professor-assistente de História na Universidade Brigham Young, e pesquisador do Instituto Joseph Fielding Smith de História da Igreja. Serve como bispo na ala Sandy 37, Estaca Sandy Leste, Utah.

NOTAS

1. O presente artigo é adaptado da obra do autor: *"They Are My Friends": A History of the Joseph Knight Family, 1825–1850.* (Provo, Utah: Grandin Book Company, 1986.) O caso da bengala encontra-se na p. 3.
2. Todas as citações de Joseph Knight Jr, neste artigo, são extraídos de seu "Incidents of History", Arquivos da Igreja.
3. Todas as citações de Newel Knight, neste artigo, são extraídas de seu diário inédito, Arquivos da Igreja.
4. Todas as citações do Sr. Joseph Knight deste artigo, são extraídas de sua história, "Joseph Knight's Recollections of Early Mormon History", editada por Dean C. Jessee, *Brigham Young University Studies* 17 (Outono de 1976): 26–39.
5. *History of the Church,* 1:47.
6. Vide Doutrina e Convênios 12, 23, 37, 52, 54, 56, 58, 124.
7. *History of the Church,* 1:82–83.
8. Ibid., 1:87–88.
9. Ibid., 1:88–91, 95.
10. Ibid., 1:91–96.
11. Outro relato da conferência em *History of the Church,* 1:109–120.

(A ser concluído no próximo número.)

JOSEPH PERANTE O TRIBUNAL

Assim que Joseph Smith foi inocentado de todas as acusações pelo tribunal do Condado Chenango (Estado de Nova York), policiais do vizinho Condado Broome apresentaram-se com outra ordem de prisão.

Newel Knight registrou em seu diário:

"Assim que o policial portador dessa segunda ordem deteve Joseph, começou a maltratá-lo." Embora houvesse passado o dia inteiro no tribunal sem alimentar-se, Joseph não teve permissão de comer. Foi logo levado para uma taverna distante uns nove quilômetros, onde se reuniu uma turba para "maltratá-lo, ridicularizá-lo e insultá-lo". Cuspiam nele, apontavam-lhe o dedo, gritando: "Profetiza! Profetiza!"

Assistido por membros da família Knight e seus dois defensores legais, Joseph apresentou-se perante o magistrado de Colesville para responder a acusações tão contraditórias, que logo foi dispensado.

Finalmente, Newel Knight foi chamado a testemunhar, sendo interrogado pelo promotor público, Sr. Seymour.

Pergunta do Sr. Seymour: "O prisioneiro, Joseph Smith Jr. expulsou o demônio do senhor?"

Resposta: "Não, senhor."

Pergunta: "Bem, então não houve a tal expulsão do demônio?"

Resposta: "Houve, senhor."

Pergunta: "E Joseph Smith não teve nenhuma parte nisso?"

Resposta: "Teve, sim senhor."

A FAMÍLIA KNIGHT

Newel Knight foi chamado a testemunhar a favor de Joseph e foi interrogado pelo promotor publico.

Pergunta: "E não o expulsou do senhor?"

Resposta: "Não, senhor, foi o poder de Deus, e Joseph Smith foi o instrumento nas mãos de Deus nessa ocasião. Ele ordenou que ele (o demônio) saísse de mim em nome de Jesus Cristo."

Pergunta: "E o senhor tem certeza de que era o demônio?"

Resposta: "Tenho, sim senhor."

Pergunta: "Qual era sua aparência?"

(Como aqui um dos advogados da defesa me disse que eu não precisava responder a essa pergunta), repliquei:

"Creio que não sou obrigado a responder a tal pergunta, mas vou fazê-lo se me for permitido dirigir-lhe uma e o senhor conseguir responder. Sr. Seymour, o senhor é entendido nas coisas do Espírito?"

"Não", respondeu o promotor, "e não pretendo sê-lo em coisas tão pretensiosas."

"Bem", repliquei "então, de nada lhe servirá eu descrever a aparência do demônio, pois foi uma visão espiritual e discernida pelo espírito e naturalmente, o senhor não iria entender o que eu lhe dissesse."

"O promotor abaixou a cabeça enquanto as risadas do público presente proclamavam seu embaraço."

Os defensores de Joseph, apesar de não terem nenhuma instrução formal em procedimentos legais, rebateram com sucesso os argumentos da promotoria, inocentando-o de todas acusações e pondo-o em liberdade.

("Newel Knight Journal", *Scraps of Biography, Tenth Book of the Faith -promoting Series,* Salt Lake City: Juvenile Instructor Office, 1883.)

Steve Bunderson

UMA DÁDIVA DE RECORDAÇÕES

LaRene Gaunt

No ano passado fiz uma coisa que vinha pretendendo fazer há anos: Presentear meus pais com um álbum cheio de cartas de seus amigos e familiares. Essas cartas recordavam experiências passadas e expressavam amor e respeito a meus pais. Assim, foi lembrado a meus pais que existem muitas pessoas que necessitam deles, que os amam, procuram inspirar-se neles e os têm como exemplo.

Não me surpreendeu o número de pessoas que gostariam de homenagear alguém dessa maneira, mas sim o fato de que todos pareciam convencidos de que se tratava de uma tarefa dificílima.

Nada está mais longe da verdade. Compilar esse álbum foi uma das coisas mais agradáveis e interessantes que já fiz. Descobri coisas a respeito de meus pais que nunca soubera. Algumas das cartas fizeram-me rir, como a de um velho amigo contando o caso da galinha que botou um ovo em pleno palco durante a grande cena de meu pai na peça escolar. Outras cartas falavam de experiências que me encheram de imenso amor e respeito, como aquela de um casal que creditava a meus pais o mérito de haverem-se casado no templo.

Baseadas em minha experiência, eis algumas sugestões para a compilação de um álbum de alegria, amor e recordações:

1. Compile uma lista com os nomes e endereços de todos os amigos e parentes de que conseguir lembrar-se. Não se preocupe se não for completa, você poderá aumentá-la no decorrer do processo.

2. Envie uma carta mais ou menos nestes termos:

Caro _____,

Eu gostaria de homenagear meus pais, (aliste aqui o nome deles), por ocasião do (Natal, aniversário, aniversário de casamento etc.) com um álbum cheio de aspectos interessantes de sua vida passada. Pretendo incluir cartas, histórias, recordações e fotografias que lhes lembrem a alegria que são para nós e outros.

Poderia colaborar neste projeto colocando no papel algumas recordações de sua convivência com meus pais. Se preferir gravá-las em fita cassete, encarrego-me de transcrevê-las; ou então poderia transmitir-me a informação pelo telefone. Qualquer colaboração de sua parte será muito apreciada.

Poderá ajudar-me, também, enviando nomes e endereços de outros amigos deles, a fim de que eu possa convidá-los a participar igualmente deste projeto.

Aprecio imensamente sua ajuda. Estou certo de que compreenderá o quanto significará para meus pais,

Cordiais Saudações _____

Datilografe a carta e remeta cópias às pessoas constantes de sua lista.

3. À medida que for recebendo as respostas, vá cortando os respectivos nomes de sua lista. Acrescente qualquer novo nome e endereço que receber, e envie-lhe uma cópia da carta.

4. Vá compilando as cartas que receber para formar um álbum. Um álbum para fotografias, pasta-arquivo ou outro tipo do gênero servirá perfeitamente. As cartas poderão ser dispostas em ordem alfabética ou por assunto, precedidas de um índice para facilitar a localização. Ou então divididas em seções representando diversos períodos na vida de seus pais.

Antes de presenteá-lo a seus pais, você poderia tirar cópias para seus irmãos e irmãs. □

A RESPEITO DA MORTE E DO MORRER

William M. Timmins

Devemos ajudar os que se aproximam da morte com genuíno ato de amor e compaixão. Permitam que o Espírito vos guie no que fazem e dizem.

Anos atrás, quando eu era bispo, entrevistei um rapaz a respeito de cumprir missão. Quando respondeu que gostaria de ir, senti-me grato, pois achava que ele seria um excelente missionário. Ele presidia uma agremiação estudantil, era líder dos jovens na ala; alto, atlético e tão bem apessoado que todas as jovens eram atraídas por ele. Jamais conheci um moço melhor e mais íntegro. Uma semana mais tarde, ele e um amigo de fora morreram num acidente de carro causado por um motorista embriagado.

Os jovens de minha ala e estaca ficaram aturdidos – não podiam entender como era possível uma coisa assim. Choraram, sua fé vacilou. Dias seguidos, grupos de jovens vieram à nossa casa para chorar, orar e conversar a respeito da trágica morte daquele rapaz.

Seu funeral foi tão concorrido que a capela, o salão cultural e os saguões ficaram repletos. Durante todo o serviço fúnebre, enquanto falávamos da vida e aspirações do rapaz, os jovens choravam abertamente, demonstrando tão grande dor, enfrentando tragédia e perda e sentindo sua fé ser restaurada e fortalecida. Anos depois, ainda me diziam que aquela reunião modificara seu íntimo para sempre – alguns que não pretendiam fazê-lo, saíram em missão; outros estabeleceram a meta de se casar no templo, e outros ainda mudaram seu modo de viver a fim de se colocar em harmonia com os princípios do evangelho.

Aquele serviço foi uma forma de purificação, de renovação, enquanto familiares e amigos enfrentavam a perda de um ente querido. Ultimamente, porém, compreendi de que maneira desajeitada e às vezes equivocada, muitos de nós enfrentamos a morte e os que estão prestes a morrer. Neste momento, minha vivência quanto ao fim da vida mortal é direta, pois meu corpo está *sucumbindo* ao câncer e insuficiência renal. Sei agora que mesmo com as melhores intenções, as pessoas muitas vezes dizem ou fazem coisas erradas. Eis alguns exemplos.

Por que coisas ruins acontecem a gente boa? Muitos livros já foram escritos a respeito desse assunto, mas eles tendem a apresentar uma visão muito acanhada de Deus e da vida. Os santos dos últimos dias encontram respostas bem mais satisfatórias no artigo *Tragédia ou Destino?*, do Presidente Spencer W. Kimball. (*A Liahona*, julho de 1968, p. 24, e setembro de 1974, p. 28.) Até mesmo o Presidente Kimball admite que certas mortes simplesmente não parecem fazer sentido, mas que um dia haveremos de entendê-las. Por favor, não peçam às pessoas que estejam morrendo – ou a seus familiares – que expliquem uma morte iminente.

O que você fez para merecer isto? Alguns membros da ala perguntaram a mim e à minha esposa, assim como a alguns de meus filhos, o que fizemos para que o Senhor nos punisse, permitindo minha morte. Elas *pensam* sinceramente que isto está magoando profundamente minha família. É câncer—e não pecado—que está me matando. O próximo comentário é igualmente doloroso.

Se realmente tivessem fé . . . Muita gente bem intencionada já nos disse isto. Acho que somos membros de uma família espiritual, possuidores de forte testemunho e grande fé. Tenho participado de muitas bênçãos que curaram outros – algumas delas realizando verdadeiros milagres. É claro que aceitaríamos um milagre; nós oramos por ele, mas até agora a resposta de Deus, no meu caso, tem sido um carinhoso "*não*".

Deus precisa mais de você. Muitos amigos externaram abertamente sua opinião de que sou necessário para uma importante missão do outro lado do véu. Estou certo de que lá existirá muito trabalho para *todos* nós, inclusive eu, quando morrermos. Por mais confortante que esta idéia seja para aqueles que a externam, não é nada consoladora para os que precisam de mim aqui e agora.

É doloroso? Está sofrendo muito? A meu ver, são questões tão pessoais que não gosto de falar nelas, exceto com minha mulher, meu bispo e meu médico. Poucos de nós gostamos de falar do que estamos sofrendo – é tão negativo que nos deixa tristes e deprimidos.

Quanto tempo lhe resta? Surpreendo-me toda vez que pessoas perguntam a mim e meus familiares – particularmente às minhas duas filhas adolescentes – quanto tempo de vida me resta. Só Deus sabe a hora e o dia. Nestes últimos meses tenho levado meus filhos a passear, dado minhas aulas na Escola Dominical e continuado a trabalhar. Procuro viver cada dia

tão plenamente quanto me é possível.

Como posso ajudar? Eu mesmo fiz essa pergunta dúzias de vezes, mas as palavras em si são vazias. Prefiro a atitude de meu vizinho, quando uma ventania derrubou parte da cerca do quintal. Ele não perguntou se poderia ajudar; simplesmente apareceu um dia, substitui um mourão podre e consertou a cerca.

Existem muitas maneiras de agir ou coisas a fazer para colaborar: Cuidar de um conserto na casa, regar o jardim, lavar e passar roupas, preparar uma refeição. Simplesmente ficar sentado ouvindo o desabafo de um familiar já é uma grande bênção. Atos de interesse genuíno são provavelmente mais importantes que um pão caseiro. Palavras sem ação, porém, não adiantam grande coisa. Se oferecer ajuda, preste-a realmente.

Experimente isto! Muitos amigos bem intencionados nos propuseram ouvir gravações sobre curas, ler livros sobre curas miraculosas ou tentar ervas e dietas. Tais remédios são quase todos proibidos por meus médicos, não sendo cientificamente comprovados. Alguns são até perigosos.

Gostaria de visitá-lo, mas não tenho coragem. Todos nós preferimos evitar a morte ou contato com quem está morrendo. Muitos bons amigos nos disseram: "Gostaria de aparecer, mas não tenho coragem." Não sei o que responder. Esquivar-se contudo, não é resposta para a maioria das coisas desagradáveis da vida. Até mesmo um bilhete ou breve carta é melhor do que omitir-se.

Agora que comentei algumas coisas que não se devem fazer, gostaria de dizer que há muito que se *pode* fazer! Os familiares nem sempre conseguem atender a todas as necessidades pessoais em épocas de tensão emocional, e é então que os amigos podem ajudar a tornar a vida um pouco mais fácil. Eis algumas sugestões.

Gostaria de falar sobre algumas coisas? Nesta época de nossa vida, as recordações são muito importantes para mim e minha família. Estando entre o passado e o futuro, tenho reminiscências e perguntas. Acompanhem-me no passeio pelas memórias enquanto as vou lembrando. Não tenham receio de recordar experiências compartilhadas. A história pessoal e da família poderá enriquecer de maneira inestimável à medida que compartilhamos recordações – talvez até mesmo num gravador.

Está precisando de alguma ajuda específica neste momento? Quando meu vizinho reparou na cerca desabada e a consertou, ele viu que eu precisava de ajuda. Existem, porém, outras necessidades não tão patentes. Pergunte gentilmente ou sugira como poderia ajudar. Preocupava-me saber se a situação finan-

Nessa época de nossa vida, as recordações são muito importantes para mim e minha família. Não tenham receio de recordar experiências compartilhadas.

ceira de minha família estaria em ordem, mas não tinha certeza de como verificá-la. Então, certo dia, meu bispo que é perito-contador, apareceu em casa e propôs: "Se estiver de acordo, eu teria prazer em examinar sua situação financeira com você e sua esposa." Senti-me muito grato pelo seu tato e aliviado em saber, após seu exame, que as coisas estavam como eu gostaria que estivessem.

Aprecio aqueles que gentilmente sugerem ou perguntam se poderiam ajudar-me, inclusive consertar meu carro.

Todos nós temos projetos de história da família que ainda estão por iniciar ou inacabados. Procurem saber como ajudar – transcrevendo gravações, identificando fotos, arquivando documentos.

"Posso trocar o óleo do seu carro?", "Gostaria que o levasse às compras?", "Eu teria prazer em ajudá-lo a colher hortaliças de sua horta", são exemplos de como ajudar. Mas, por favor, permitam, que *nós* decidamos se queremos ou não aceitar sua oferta.

E, por favor, não se ofendam quando não aceitamos. Talvez ainda não tenha chegado a hora. Mas poderá chegar mais tarde.

Gostaria de uma bênção? Espero que quando eu não mais for capaz de fazê-lo, alguém pergunte a minha esposa e filhos: "Gostaria de uma bênção?" Recebi várias bênçãos lindas desde que adoeci. Mas elas podem confortar outros membros da família, também. Quando o jovem de nossa ala foi vitimado no acidente de carro, visitei a mãe dele e dei-lhe uma bênção. Então, olhando para o pai, comentei: "Acho que ninguém lhe deu uma bênção. Gostaria de receber uma?", ao que ele respondeu afirmativamente. Ninguém se lembrara de perguntar-lhe se queria uma bênção.

Deixem que fale sobre a morte, se eu tocar no assunto. Estou prestes a passar pela porta de uma outra esfera da existência e embora eu tenha testemunho

do plano do Pai Celestial, possivelmente queira externar o que sinto. Deixem que eu fale. Orem comigo. Não fiquem constrangidos; eu os amarei por sua compreensão e paciência.

Externem seus sentimentos. Falem-me de seu afeto. "Vou sentir falta de você", são palavras que me fazem bem. Talvez não seja uma coisa fácil de dizer, mas seu esforço será apreciado.

Compreendam se não quiser recebê-los. Talvez eu ache que é um tempo que deve ser reservado só para a família. Talvez me preocupe pensando que minha aparência pode impressioná-los. Aprecio muito o seu interesse. Telefonem e se eu puder falar, terei prazer em "bater um papo". Ou enviem-me uma mensagem. Mas não se esqueçam de que gosto muito de vocês.

Conservem viva minha memória. Esta é uma época de transição para minha família, um tempo difícil. Deixem que eles mostrem sua dor. Se quiserem desabafar, escutem. Se quiserem chorar, consolem-nos e não mudem de assunto até que *eles* o façam. Contristar-se é uma parte natural e normal da morte, e deixar que eles externem sua dor tornará a transição menos penosa.

Devemos ajudar os que estão prestes a morrer, com genuíno ato de amor e compaixão. Permitam que o Espírito os guie no que fazem e dizem. O trauma já é bastante difícil sem mágoas e dores desnecessárias. □

William M. Timmins, antigo professor de administração pessoal e relações trabalhistas na Universidade Brigham Young, Provo, Utah, faleceu no dia 26 de fevereiro de 1989, quando este número da revista estava sendo preparado. Deixou esposa e cinco filhos.

MAIS QUE UM CAMPI

Jason John Bushnell Desde menino eu adorava correr. Aos onze anos venci uma corrida *cross-country* no Oregon e jurei tornar-me campeão nacional antes de terminar o curso secundário. Cheio de audácia e decidido a ser melhor que todo mundo, estabeleci uma rotina de treinamento que se estenderia por anos. Todos os dias eu corria de cinco a dezesseis quilômetros. Eu adorava treinar. Não havia lama, chuva, suor ou dor capaz de me desviar de minha meta. "Você só colhe o que semear", tornou-se minha máxima.

Comecei a programar minha participação nos Jogos Olímpicos Juvenis. Meu plano era preparar-me para correr na competição de 1985, quando teria quatorze anos, e novamente em 1987, aos dezesseis. Calculava que seriam meus melhores anos e que estaria no auge da capacidade física. Só que não calculei que em 1985 eu me transformaria de um menino magricela num rapaz mais alto e de peso bem superior. Meu organismo inteiro foi obrigado a adaptar-se às novas dimensões do corpo. Os joelhos doíam sem parar e meus pés e quadris quase gritavam de dor quando eu corria; tudo que consegui foi vencer um campeonato estadual por uma fração de segundo. Convenci-me de que 1985 não era o ano certo para participar da Olimpíada Juvenil, mas eu contaria com mais dois anos para preparar-me para a de 1987.

Em abril de 1987, minhas condições físicas estavam ótimas. Provara ser invencível na corrida de 1.500 metros e a imprensa local me considerava o calouro colegial mais veloz do estado de Oregon. Minhas dores e mazelas eram coisa do passado. Sentia-me em excelentes condições e sabia estar preparado para os Jogos Olímpicos Juvenis. No meio tempo, três companheiros de equipe e eu fomos convidados a correr numa prestigiosa competição regional de pista. Cheios de confiança e entusiasmo, embarcamos na perua, com nosso técnico, para a viagem até lá.

Quando chegamos à via expressa, reparei como o tráfego estava congestionado e instintivamente apertei o cinto de segurança. Estávamos todos a rir e gracejar quando casualmente olhei para fora e reparei num carro que vinha a toda velocidade em nossa direção. Totalmente descontrolado, começou a guinar de cá para lá na nossa pista de tráfego, evitando por um triz a colisão com diversos carros à nossa frente. Aturdidos, ficamos vendo, em

EÃO

impotente silêncio, o carro vir em nossa direção.

Recobrei a consciência ao som de estridentes sirenes, guardas dando ordens e a cacofonia de rádios transmissores-receptores. Fôramos atingidos frontalmente pelo carro roubado, dirigido por um suspeito perseguido pela polícia. Lenny meu bom amigo e companheiro, que estivera sentado atrás de mim sem cinto de segurança, fora lançado contra o encosto da minha poltrona. Com isto, fui projetado para a frente e imobilizado pelo peso de seu corpo inconsciente e o encosto dobrado de minha poltrona.

Consegui mover-me apenas o suficiente para dar uma olhada pela janela. O outro carro parecia um pedaço de papel amassado. Duas ambulâncias pararam ao lado de nosso carro: fui imediatamente retirado com todo cuidado do veículo destroçado. "Acho que temos aqui uma lesão da espinha! ouvi um dos paramédicos comentar, olhando-me com piedade e preocupação.

Milagrosamente, não houve fratura da espinha – apenas meu nariz! Entretanto, diversos músculos distendidos e traumatizados, além de articulações deslocadas, me impediram de andar alguns dias e de correr normalmente durante meses. Esse acidente não estivera incluído em meus planos. Mais uma vez meu treinamento programado para colocar-me em condições ideais, foi prejudicado.

Não obstante, continuei treinando com a equipe da escola e também no clube, com meus irmãos. Vendo Tyler, meu irmãozinho de dez anos correr, comecei a sentir-me ainda mais frustrado e irritado. Como ele corria bem, e com que vigor! Conseguia acompanhar o ritmo de diversos atletas do colégio e estava progredindo dia a dia. Por mais que o amasse, ressentia-me com a aparente facilidade com que fazia tudo.

Presenciei Tyler vencer sua prova num campeonato de atletismo quinhentos metros à frente de seu concorrente mais próximo. Uma multidão de torcedores o rodeou enquanto fiquei observando, sentindo um orgulho imenso dele. E quando Tyler olhou para mim buscando minha aprovação, nosso sentimento de afeto foi tão intenso que tive a impressão de não haver ninguém mais no estádio além de nós dois. Ao perceber sua profunda necessidade de minha aprovação, esvaiu-se totalmente meu ressentimento nascido do sucesso dele. Naquele momento, jurei que meu irmãozinho chegaria à competição nacional preparado com todo conhecimento que lhe pudesse dar, e com a certeza do meu apoio.

Daí em diante começamos a correr juntos. Instruí-o sobre técnicas e estratégia, como ultra-

Larry Weinberg

passar outros competidores e conservar a liderança. Corremos ladeira acima para desenvolver sua resistência, treinamos corridas de curta distância para aprimorar sua velocidade e inventamos toda sorte de exercícios para melhorar seus reflexos. Conversávamos sobre corridas enquanto fazíamos as tarefas domésticas, comendo, indo para a cidade e vendo programas esportivos na televisão. Corríamos com chuva forte e em dias de calor intenso.

No Campeonato Regional do Noroeste, Tyler e eu vencemos nas provas de nossa respectiva faixa etária, o que nos dava a oportunidade de participar do campeonado nacional. Devido ao acidente e interrupção no meu treinamento, achava que poderia classificar-me apenas entre os vinte e cinco primeiros. Minha prova foi realizada primeiro, e consegui classificar-me como vigésimo primeiro entre trezentos concorrentes, passando a fazer parte do grupo dos melhores colocados na nação.

Satisfeito e feliz com meu desempenho, voltei minha atenção para Tyler. Eu já mostrara o trajeto da prova *"cross-country"*, ensinando-lhe como aproximar-se de uma valeta profunda e saltá-la, quando acelerar o ritmo, onde poupar o fôlego, o que deveria evitar e como manter-se mentalmente forte. Ele estava preparado! Quando fomos para o ponto de largada procurar o lugar dele entre os outros duzentos e sessenta e cinco concorrentes, estava tão nervoso como se fosse minha a prova. Tyler estava tenso, e eu fiquei assegurando-lhe que ele era o melhor. Podia sentir sua apreensão como se fosse minha. Como desejava poder transformar sua aflição em júbilo! "Seja forte, Tyler. Lembre-se apenas de que ninguém é superior a você. Ninguém conseguirá vencê-lo", eu dizia. Meu braço envolveu seus ombros curvados, sentindo-me como se estivesse abandonando um ser desesperado ao afastar-me e notar seus olhos marejados.

Vi-o fazer uma corrida perfeita, precipitando-me de um ponto de observação para o seguinte a fim de animá-lo, na esperança de que conseguisse sentir meu apoio moral. Será que me ouvia? Será que conseguia sentir minha força procurando irradiar-se para ele? Tyler chegou à última etapa em segundo lugar. "Vamos Tyler!" eu gritava. "Use seus braços! Respire fundo!" Se pelo menos conseguisse captar o que eu sentia por ele no meio daqueles cinco mil espectadores gritando desvairadamente.

Ele dobrou a esquina que levava aos últimos cem metros do percurso – um trajeto que havíamos percorrido repetidamente ao planejar a corrida. "Agora, Tyler! Dê tudo o que tem! Vamos!" implorei. Minha voz engasgou de emoção ao ver meu irmãozinho, a própria imagem de saúde, dando a derradeira arrancada para tornar-se o campeão nacional que sonhara ser.

Meu orgulho por ele disse-me que eu também vencera. Percebi que dera um pouco de mim para que Tyler vencesse, e isto deu-me uma sensação muito mais gratificante e poderosa do que jamais havia imaginado. Quando o exausto Tyler se desvencilhou da multidão e veio ao meu encontro, proferiu ainda meio sem fôlego as palavras que me ensinaram a maior lição de minha vida.

"Jason, foi terrível, mas fiquei ouvindo você torcer por mim o tempo todo, acima da gritaria de todo aquele povo, e soube que podia ganhar. Sabia que tinha de vencer!"

Que outras lições esse jovem campeão poderia aprender de mim – boas ou más?

E o que dizer de todos nossos outros irmãos e irmãs da família humana? Que mensagens eles ouvem acima do alarido da multidão? Exatamente como Tyler conseguiu ouvir e corresponder ao apelo para vencer, quantos outros necessitam ouvir essa voz na multidão? Quantas vezes ficamos tão imersos em nossos próprios planos que deixamos de vocalizar nosso incentivo, deixamos de instigar os outros a vencer?

Quando Tyler e eu nos abraçamos, entendi realmente o sentido destas palavras: "Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo." (I João 2:10.)

Ele dobrou a esquina que levava aos últimos cem metros do percurso. "Agora, Tyler!", implorei, "Dê tudo o que tem!"

"ÉS TU MAIOR QUE ELE?"

Jennifer Clark

Eu estava sentada em minha aula do seminário, ouvindo parcialmente meu professor discutir as provações que Joseph Smith e os primeiros santos suportaram.

Estávamos estudando a história da Igreja, e, embora eu tivesse um excelente professor, naquele dia, não estava interessada em prestar atenção. Estava sentindo pena de mim mesma. Eu sentara em meu lugar sem fazer mais do que sorrir para o irmão Anderson, que sempre tinha uma palavra de ânimo para todos. Ele não disse muito, mas eu tinha certeza de que ele sabia que algo estava errado.

Bem, por que não deveria haver algo errado? Eu tinha todo o direito de sentir-me assim, pensava eu. Estava cansada de tudo em minha vida. Estava cansada da escola, de meus professores, e de viver em uma pequena cidade sem nada emocionante para fazer.

Em meio à depressão, algo que ouvi na classe pareceu tocar-me. O irmão Anderson estava falando a respeito de uma época em que Joseph Smith e alguns de seus amigos foram presos novamente por crimes que não haviam cometido. Em desespero, Joseph suplicou ao Senhor por sua libertação, perguntando-lhe por que fora permitido que eles sofressem, quando haviam sido tão fiéis. Então o irmão Anderson leu para nós em Doutrina e Convênios 122:7–8, a resposta do Senhor ao Profeta Joseph Smith:

"E se fores lançado na cova ou nas mãos de assassinos, e receberes a sentença de morte; se fores lançado ao abismo; se as vagas encapeladas conspirarem contra ti; se ventos furiosos tornarem-se teus inimigos; se os céus se nublarem tenebrosamente e todos os elementos em conjunto obstruírem o caminho; e acima de tudo, se as próprias mandíbulas do inferno escancararem a sua boca contra ti, saibas tu, meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.

O Filho do Homem sujeitou-se a todas elas. És tu maior do que ele?"

Ele deu ênfase a cada palavra da última frase, e a sala estava em completo silêncio enquanto ponderávamos aquelas palavras. Senti como se me tivessem batido com um martelo na cabeça.

"Hum!" exclamei.

O irmão Anderson olhou para mim e sorriu: "É isso mesmo", disse ele. Quem era eu para queixar-me? Que direito tinha eu de dizer ao Senhor que minha vida não era justa? Como podia eu ser tão ingrata?

Nunca me esqueci daquele dia nem de como me senti. Aquela escritura parece estar sempre em mi-

"O Filho do Homem sujeitou-se a todas elas. És tu maior do que ele?"

"A Cruxificação", de Carl Heinrich Bloch. Original na capela do Castelo Frederiksborg, Dinamarca. Usado com permissão do Museu Frederiksborg.

nha mente, e, quando quero perguntar: "Por que eu, Senhor?" Ouço a voz profunda e suave do irmão Anderson dizendo calma e lentamente: "O Filho do Homem sujeitou-se a todas elas. És tu maior do que ele?"

Serei sempre grata ao Senhor por essa experiência. Minha atitude mudou muito. Minha perspectiva da vida mudou completamente, e posso ver minhas provações corretamente agora. "Pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas" (1 Néfi 3:7). Eu também sei que isso é verdade. Eu provavelmente ainda não passei pela metade das provações de minha vida, mas sempre me lembrarei daquele dia no seminário, quando, realmente me senti tão humilde, e fui levada a perceber plenamente o sacrifício feito por nosso Salvador, para que pudéssemos ter a vida eterna. □

DIVERTIR-SE AJUDANDO OS OUTROS

Richard M. Romney

Você está procurando uma grande idéia para a conferência dos jovens? A Estaca Aurora Colorado tem uma sugestão.

Trabalho.

Muito trabalho.

Como pegar cascalhos com a pá, enterrar lixo, arrancar ervas daninhas, pintar, limpar e lavar carros.

Misturado com diversão e companheirismo.

Há uma explicação. Os jovens de Aurora queriam fazer algo diferente na conferência dos jovens, algo especial. Assim, eles passaram três dias limpando uma cidade.

"Perguntamos ao comitê da juventude da estaca o que eles queriam fazer", explicou Richard C. Humphreys, segundo conselheiro na presidência da estaca. "Eles disseram: 'alguma coisa para ajudar outras pessoas', e alguma coisa para edificar nosso testemunho', Já que eles o haviam pedido, nós os encorajamos a seguir em frente."

Inspirados por uma história sobre serviço que apareceu em *A Liahona* ("A Construção de uma Casa Ajudou na Edificação de Testemunhos," fevereiro de 1988, p. 47), o comitê buscou uma comunidade que eles pudessem ajudar. Eles se decidiram por Granby por três razões: era perto de Aurora; economicamente a comunidade não estava indo muito bem e o prefeito, o conselho da cidade e a câmara de comércio pareciam verdadeiramente interessados em apresentar projetos para que os jovens trabalhassem neles.

Havia também mais um benefício. O pequeno ramo SUD de Granby, com um total de cinco famílias ativas, tinha jovens que iriam gostar de ter a companhia e a amizade de outros jovens da Igreja. E, enquanto os jovens de Aurora estivessem lá, eles poderiam ajudar a pintar a capela de Granby.

Os ônibus saíram de Aurora às 7 horas da manhã de quinta-feira. Por volta das 10h30min, oitenta e quatro jovens divididos em oito equipes estavam espalhados por toda a cidade de Granby. Como estavam usando camisetas iguais, era fácil notá-los. A estação de rádio local que anunciava a lavagem grátis de carros pelos jovens SUD, também fazia com que as pessoas soubessem quem eram e o que estavam fazendo.

"Fomos a uma mercearia comprar alguns refrigerantes", disse Andy Capton—18 anos—que estivera removendo cascalhos com uma pá a manhã toda na pequena estação ferroviária. "O balconista disse: 'Vocês são os sujeitos mórmons? Estão fazendo um grande trabalho.'"

"Muitas pessoas perguntaram o que estávamos fazendo", disse Sandra Hilborne—15 anos, enquanto limpava uma jardineira na rua principal. Nós dissemos que "estamos ajudando os outros e ao mesmo tempo nos divertindo."

E isso, realmente, é o que começou a acontecer. Os jovens descobriram a alegria de servir ao próximo. "Eu não estava muito entusiasmada, no início", disse Liza Zmolek - 14 anos, varrendo uma calçada. "Mas quando vi as pessoas nos observando, senti como se alguém dependesse de mim; assim, comecei a trabalhar muito, e senti-me bem."

Angelica Velez—15 anos, limpou a testa, e sorriu. "Quando chegamos ao cemitério", disse ela, "Não se podia nem mesmo ver as lápides. Então trouxemos os cortadores de grama e ancinhos, limpamos e tiramos muitos ramos e madeira de lá. Agora, pode-se ver o que fizemos e parece ótimo."

Ginny Stafford—14 anos, passou a manhã ajoelhada, arrancando ervas daninhas até seus dedos ficarem verdes. Ela disse em voz alta o que muitas pessoas estavam sentindo: "É um trabalho sujo, mas quando a gente termina, sente-se feliz, não suja." "É bom fazer alguma coisa pelos outros", disse Jacob Carter—15 anos.

Além de limpar a rua principal de Granby, lavar carros, limpar o cemitério, espalhar cascalho na estação ferroviária, cortar as ervas daninhas num cruzamento importante na entrada da cidade, os jovens pintaram a histórica igreja de madeira da cidade, limparam o jardim e poliram os bancos e o órgão da capela.

"Acho que foi maravilhoso", disse Daphne Motto—17 anos. "Não importava que não fosse uma Igreja SUD. É como se nós estivéssemos dizendo que somos todos irmãos e que precisamos ajudar uns aos outros."

E, naturalmente, isso era em grande parte o que os jovens estavam dizendo na capela.

"Foi assustador quando dois ônibus cheios chegaram", disse Corey Trial—13 anos, um dos quatro adolescentes SUD ativos de Granby.

"Vivi aqui toda a minha vida," disse Mark Bickmore—14 anos, "mas antes nunca havia visto tantos jovens da mesma religião que eu."

Logo Ray Beaty—16 anos, de Granby, estava trabalhando lado a lado com os jovens de Aurora que conhecera naquela manhã. "Nós estamos sozinhos aqui, e muitas vezes achamos que estamos completamente sozinhos. Mas trabalhando juntos assim, acho que fizemos algumas amizades que vão durar."

E Vickie Adams—13 anos, a única jovem ativa das Moças de Granby, disse: "Não estou acostumada a ver tanta gente. Isso me faz sentir que há outros mórmons por perto."

Os jovens de Granby e de Aurora fizeram tudo juntos. Na conferência, não apenas os projetos de serviço, mas as outras atividades também; jogaram voleibol juntos, jogaram futebol americano juntos e até com uma bola em tamanho maior que o normal.

As atividades incluíram um jantar havaiano com apresentação de danças, um torneio de natação, e um baile. Mas a atividade principal era a conversa, troca de idéias e amizade.

"Descobri que a Igreja era muito menor aqui", disse Fred Tanquary, 17 anos. "Quero dizer, há apenas quatro jovens no ramo. Mas acho que todos tínhamos o evangelho em comum, e eles simplesmente se tornaram parte de nós."

Durante o período de três dias, os jovens de Granby e os jovens de Aurora sentiram-se cada

vez mais à vontade, discutindo metas comuns— obra missionária; lendo e compartilhando o Livro de Mórmon, moralidade e padrões; mantendo a fé quando o mundo está cheio de dúvidas. Essa proximidade também foi reforçada nos devocionais noturnos, nos quais os líderes reforçaram temas como "Pequenas Decisões Tomadas Agora Têm Conseqüências Mais Tarde". "As Sugestões do Evangelho sobre como Ser Feliz", e "Seu Bem Mais Precioso É Seu Testemunho".

Naturalmente, como sempre acontece, a reunião final da conferência foi o ponto alto. Em uma sala iluminada pelo sol, os jovens SUD reuniram-se com o prefeito de Granby, Jerry Roberts. Eles o presentearam com fotografias históricas de Granby emolduradas, que agora estão na estação ferroviária e com o Livro de Mórmon, que eles esperam que ele leia. O prefeito por sua vez transmitiu a eles a gratidão da comunidade.

Então os jovens e seus líderes passaram uma hora a duas conversando uns com os outros, abrindo seu coração.

Um rapaz que estava tendo dificuldades em guardar os mandamentos disse ao resto do grupo que eles o haviam ajudado.

"Sei há muito tempo que preciso mudar algumas coisas em minha vida", disse ele. "E estar aqui me ajudou a ver como podemos ser felizes simples-

mente fazendo o que é certo. Estou mudando. Eu estou recomeçando."

Outro jovem, um sacerdote, disse que só estava ativo na Igreja há um ano. "Esta foi a única conferência de jovens a que compareci", disse ele. "Mas realmente senti o Espírito aqui."

Outros, como Holly Mattison—16 anos, falaram sobre viver o evangelho em uma escola onde, como SUD, os outros são mais numerosos que ela. "Nem sempre é fácil", disse ela. "Há muitos desafios." Mas ela disse que um discurso feito em um dos devocionais, a fez lembrar-se de que o Salvador a ama, de que ele a conhece pelo nome, e vai ajudá-la a ser forte.

Naturalmente, ao falar, os jovens também fizeram uma avaliação dos três dias de serviço.

Darla Evans—17 anos, disse que achava ótimo fazer alguma coisa na conferência de jovens, além de divertir-se. Durante anos, fazíamos alguma coisa apenas para nós, mas desta vez foi tudo para as outras pessoas.

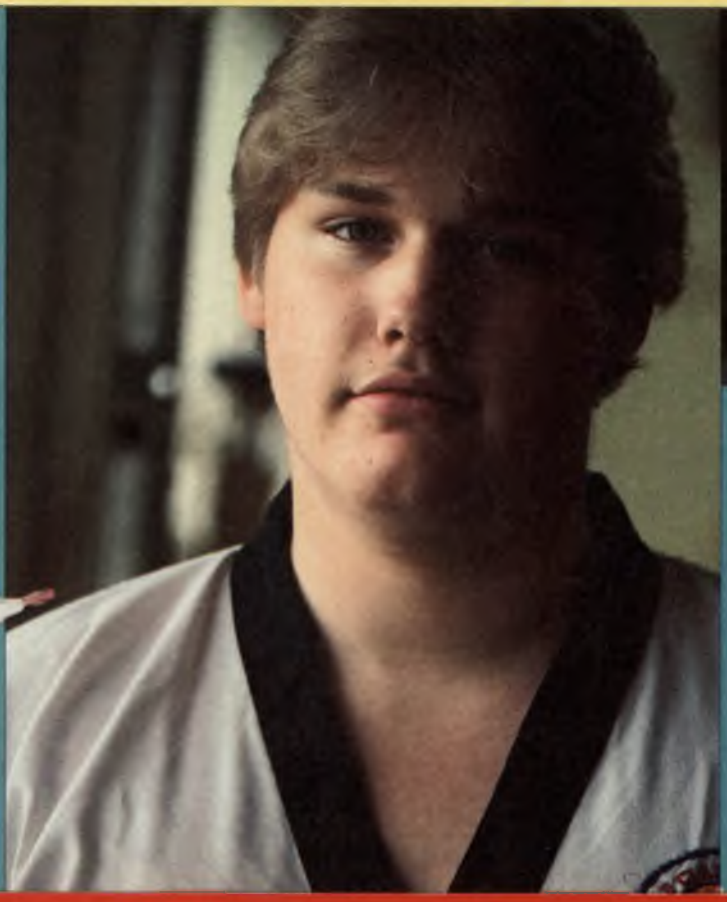
Então o presidente do ramo de Granby, Gary M. Cooper, falou.

"O ramo foi formado há quinze anos", disse ele, "e posso honestamente dizer que esta foi a melhor coisa que já nos aconteceu. Gostamos de vocês terem usado seu tempo para vir aqui e nos tornar um pouco mais conhecidos em nossa comunidade. É algo que queremos fazer há muito tempo. Vocês trabalharam muito e limparam a cidade, e isso é importante. Mas o que realmente espero é que, com o seu exemplo, alguém aceite o evangelho. Esse seria o maior de todos os serviços." □

UMA FAMÍLIA DINÂMICA

Laird Roberts

"No Taekwon Do, a formação do caráter é tão importante como o desenvolvimento físico. Nele é norma demonstrar respeito aos professores e a seus pais", explica Shane.



"Achei que Mestre Kim estava cometendo um terrível engano. Assim conversei com ele. Tudo o que ele me disse sobre o mormonismo fazia sentido."

Shane Aldous posta-se à frente de seu grupo de caratê.

"*Taegeuk Seven Jang*", brada ele, e se põe a conduzir os alunos numa complexa seqüência de movimentos harmoniosos e fluentes chamados *a kata*. As mãos de Shane colocam-se em posição, palmas voltadas para cima, dedos unidos. De olhos abertos, atento, assume a postura de joelhos flexionados. Então, com hábil precisão, a mão descreve um gracioso círculo, pára, recua e solta-se num murro para cima, seguido de um golpe alto com o pé.

Uma aula de caratê pode parecer um lugar inverossímel para a obra missionária, mas para Shane Aldous, de quinze anos, e sua família, praticamente todo lugar pode apresentar uma oportunidade.

"Dois anos atrás, eu era o garoto mais alto da classe", explica Shane. "E todos os rapazes que se julgavam valentões queriam brigar comigo. Mas eu não queria. Então minha mãe viu um anúncio de aulas de caratê no jornal e perguntou se eu queria fazer o curso."

Chol H. Kim, o instrutor, ensina *Taekwon Do*, uma forma de caratê coreano, que dá ênfase à disciplina mental e física. "No *Taekwon Do*, a formação do caráter é tão importante como o desenvolvimento físico. Nele é norma demonstrar respeito aos professores e a seus pais", explica Shane.

Os pais de Shane e seu irmão Brad, de quatorze anos, ficaram tão impressionados com os ensinamentos de Mestre Kim que se inscreveram igualmente no curso. "Gostamos de fazer as coisas em família sempre que possível", diz Shane.

Como treinavam juntos e assim podiam ajudar-se mutuamente, a família Aldous progrediu depressa.

Brad e Shane passaram a participar de torneios de caratê, e nos Jogos Olímpicos Nacionais Juvenis dos Estados Unidos, conquistaram excelente classificação em suas categorias. Shane conquistou uma medalha de prata, e Brad ganhou duas medalhas de ouro.

Desde o momento em que a família Aldous se matriculou em seu curso, Mestre Kim passou a observá-los de perto. Havia algo neles que os distinguia das outras pessoas. "Fiquei impressionado com o apoio que davam um ao outro", diz ele. "E com a importância que davam ao progresso e desenvolvimento pessoal e familiar."

Os Aldous acabaram convidando Mestre Kim para as reuniões da Igreja. Ele passou a ouvir as palestras missionárias e foi batizado.

Não muito tempo após ter sido batizado, Glória Lee, uma de suas alunas de dezenove anos, também foi batizada.

"Achei que Mestre Kim estava cometendo um terrível engano", diz ela. "Eu soubera algumas coisas nada boas sobre os mórmons e não queria que ele se envolvesse no que eu considerava uma falsa religião e arruinasse sua vida. Decidi fazer alguma coisa a respeito, e conversei com ele e com alguns outros membros da Igreja. Mas eu própria tinha uma porção de dúvidas quanto à minha religião, e tudo o que aprendi a respeito do mormonismo fazia sentido. Impossível negá-lo. Comecei a ouvir as palestras dos missionários e em lugar de salvar Mestre Kim da 'terrível' religião, acabei sendo batizada. Estou muito feliz. Minha família pertence a outra igreja e se preocupa comigo como eu fazia com Mestre Kim. Não é fácil, mas nunca me arrependi de ter sido batizada. A Igreja é verdadeira. A família Aldous tem sido sempre um bom exemplo para mim. Sem eles eu não teria encontrado a Igreja."

Segundo Shane, trabalhar em família, vivenciar e conhecer os princípios do evangelho, são chaves importantes para ser um bom missionário. "A gente nunca sabe quando está sendo observado" diz ele. "Ou quando as pessoas começam a interessar-se e fazer perguntas." □

Chegando a morte tudo irá bem.
Vamos paz todos ter
Livres das lutas e dores também
Com os justos viver!
Mas se a vida Deus nos poupar
Bem alto poderemos cantar
A uma só voz entoar
— Tudo bem! Tudo bem!
Hinos nº 08 *Vinde ó Santos*